

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

7.º 307

(Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, fundada em 1863)

Proprietaria e editora a Associação

Commissão redactora: — Ascensão Valdez, A. Lamas, Rocha Dias

A responsabilidade dos escritos publicados neste boletim pertence exclusivamente aos seus auctores.

«A Associação dos Archeologos Portuguezes, absolutamente estranha a qualquer partido politico, tem como fim exclusivo da sua existencia guardar as preciosidades archeologicas e artisticas, sejam ellas de que natureza forem, disseminando por toda a parte e por todas as formas, o amor da archeologia e da arte.»

Arquitectura em Portugal

As relações dos reis visigodos com os imperadores do Oriente favoreceram indubitavelmente a introdução do estilo bizantino na península hispanica, e sabe-se que no tempo da monarquia goda a arte não foi tão pobre e miseravel como geralmente se crê.

Os godos erigiram muitas igrejas, palacios e mosteiros. As suas construções eram simples, mas de muita solidez e de pedras quadradas.

«As egrejas, diz Pons, são pequenas, escuras e inteiramente destituídas de grandiosidade e magnificencia.»

Em todo o caso havia templos magestosos, construídos pelos reis godos, como o de Santa Leocadia em Toledo, de que os historiadores falam como de obra portentosa e magnifica, e as cathedraes de Sevilha, Saragoça, Merida, e os palacios e castelos de Toledo e seus arredores.

Os arabes, assenhoreando-se da península, destruíram muitos monumentos e impediram que a arquitetura cristã progredisse na sua evolução.

Todavia contribuíram muito para o progresso da arte, existindo ainda vestígios do seu gosto e adiantamento.

Na arquitetura arabe nota-se a ausencia completa de figuras humanas, porque o seu culto lh'as não permitia, e a arte entre os musulmanos está subordinada á religião.

Para as substituir, recorriam aos arabescos, ás legendas, ás douraduras, ás côres, o que era um excesso de ornamento.

Não foram originaes. Estudaram os exemplares da Grecia e contemplaram na Peninsula os monumentos goticos, e sobre uns e outros fundaram o seu estilo. A mesquita de Cordova é das suas obras talvez a mais bizarra e rica.

Portugal que nasce com o character completo de nacionalidade no primeiro quartel do seculo XII, despedaça o crescente e adota a cruz como o primeiro e unico simbolo da sua independencia.

O espirito portuguez transforma as bēlas artes, outr'ora famosas epopeias da idolatria, em sublime epopeia do cristianismo, converte-as em canticos em louvor do redentor, em expressão de dogmas ou factos da historia ecclesiastica.

Dos dois elementos, o sentimento e a fôrma, que constituem a arte, é sempre aquēle o que mais se manifesta nas produções artisticas portuguezas.

Longas e porfiadas foram as lutas, que os nossos primeiros reis tiveram de sustentar contra os mouros para extensão do territorio. Soberano e povo viviam por assim dizer no campo da batalha e o seu unico objectivo era a gloria militar.

A guerra absorvia as atenções, empregava os braços, excitava e inquietava os espiritos, descuidava quasi em absoluto a agricultura, a industria e o commercio, e acarretava como consequencia necessaria a pobreza publica, a frugalidade obrigada, a repulsão do luxo, o desprezo das artes uteis, quanto mais das bēlas.

No meio destas lutas, alguns artistas estrangeiros, vindos provavelmente da Borgonha para Portugal, aqui introduziram o estilo romano-bisantino, em que eram amestrados, não com os defeitos e vacilações de uma arte que começa, mas com a perfeição e firmeza de um estilo acabado, como era por esse tempo o da Lombardia e o d'algumas provincias da França.

Mas a sociedade portuguesa, absorvida pelas porfiadas lutas com encarniçados inimigos, não estava nas condições proprias para aproveitar o impulso dos mestres estrangeiros.

A arquitetura e as outras artes atravessaram por isso um periodo de abatimento, de que só começam a levantar-se no reinado de D. Diniz, progredindo depois sem interrupção, posto que um pouco embargadas em seus passos pelas lutas com Castela e com os mouros em Africa e pela febre das descobertas até o reinado de D. Manuel, em que chegam ao seu maior esplendor, para tor-

narem depois a decaír com a desorganisação e enfraquecimento da sociedade portugêsa.

Todavia ainda se veem em Guimarães o castelo e paços do Conde D. Henrique e da Rainha D. Thereza, cuja estreitesa e humildade são prova autentica do viver sem fausto desses primeiros soberanos.

São da mesma época algumas igrejas de Coimbra, a de S. Pedro de Leiria, a de S. João d'Alporão em Santarem, a parte primitiva da Sé de Lisboa, os restos de um pequeno templo na mata da Pena em Cintra, as igrejas de Cedofeita no Porto, de S. Miguel do Castelo em Guimarães, de Santa Maria d'Almacave em Lamego, cujos arcos ogivaes marcam positivamente os fins do seculo XI ou o seculo XII como limite antes do qual não podiam ter sido edificadas.

Tambem está ligada com a fundação da monarquia, merecendo especial menção a igreja do bispo bracarense S. Pedro de Rates, na povoação de Rates a poucos kilometros da Povia de Varzim.

O conde D. Henrique e D. Thereza, informados e talvez testemunhas presencias da devoção dos fieis para com S. Pedro de Rates, levantaram-lhe aquele belo templo, de estilo gotico, com tres naves formadas por pilares de pequenas colunas reunidas em grupo arredondado, com capela mór de pequena grandeza e com duas capelas no cruzeiro da igreja.

As paredes são grossissimas, de pedra de cantaria lavrada, de granito grosseiro, mas tão rijo, que oito seculos o não tem podido gastar nem desunir.

A forma exterior, vista de longe, representa um castelo gotico. O portal da entrada principal não é destituído de elegancia; é muito semelhante ao da Sé Velha de Coimbra.

As frestas nas paredes são muito estreitas, o que torna escuro o interior, mas é uma das características das construcções religiosas da época.

Debaixo de um altar existe um tumulo de pedra, sem arte alguma, que a tradição diz ser o de S. Pedro de Rates, mas refere a historia que o arcebispo de Braga D. Balthazar Limpo levára d'ali para aquella cidade no ano de 1552 as reliquias daquêl Santo, deixando apenas uma, que é guardada e exposta com solenidade no dia da festa.

No tempo de D. Afonso Henriques constroem-se a igreja e o mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, os mosteiros de Tarouca, de Alcobaça e S. Vicente de Fóra.

Nos reinados seguintes levantam-se inumeráveis e fortes castelos e altas muralhas que tiveram grande importância sob o ponto de vista da grandeza e da defesa do reino, mas sem valor arquitetónico, se se exceptuar uma ou outra porta, janela, capitel ou decoração de um trabalho curioso, analogos aos de outros paizes.

D. Diniz, subindo ao trono aos 18 anos de idade, achou o reino livre das causas desorganisadoras que haviam inquietado os seus predecessores, e com a sua intelligencia robusta e educação esmerada, soube e pôde, nos ocios da paz, dar notavel incremento á agricultura, á administração, ás sciencias, letras e artes.

•Nobres vilas de novo edificou,
Fortalezas, castelos mui seguros;
E quasi todo o reino reformou
Com edificios grandes e altos muros.»

(*Lusiadas*, Canto III — Est. 98.)

São do tempo de D. Diniz o claustro de Alcobaça, a fortaleza de Freixo de Espada-à-Cinta, cuja torre octogonal do centro é bela e está bem conservada.

Dos tres reinados immediatos nada conhecemos digno de menção.

No tempo de D. João I expande-se triunfantemente em Portugal a arquitetura gotica.

Embora a disputa aos mouros do senhorio de Africa e as primeiras tentativas da navegação além das costas de Portugal embargassem e entorpecessem um pouco o desenvolvimento das artes belas, é no seu tempo que se levanta a obra prima da arquitetura portugueza — a *Capela e Convento da Batalha*, onde tudo é grande, sumptuoso e belo.

«A Batalha, diz um escritor, é uma obra monumental de uma arte perdida, expressão gloriosa do sentir de outro tempo, epopeia magnifica escrita nas letras de pedra de uma linguagem olvidada; é já, como o dolmen, a pyramide, ou o obelisco, um enigma legado á posteridade pelas gerações que passaram».

«Ahi não ha uma só peça, uma só sigla, um só emblema, um só elemento arquitetónico a que não corresponda algum pensamento.»

A fortuna, conduzindo o pavilhão de D. Manuel atravez de mares ainda não devassados, abre-lhe as portas da India, franqueia-lhe as praias da America, e vasa em seus cofres o ouro, os diamantes, as pérolas e as especiarias da Asia e do Novo-Mundo.

O commercio renasce em bases solidas; algumas industrias adquirem impulso.

Portugal torna-se rico; a riqueza origina o luxo; o luxo cria e dá incremento e lustro ás boas e belas artes.

A época de D. Manuel está bem retratada ao natural nos padrões que nós legou e que patenteiam um estilo especial, *sui generis*, que do seu nome se chama *manuelino*.

O amor do belo era uma feição proeminente de D. Manuel.

No seu reinado é que se funda uma escola nacional de pintores comparavel ás das nações onde a arte da pintura havia chegado á maior perfeição. Mas a arte de que êle se mostrou mais apaixonado foi a arquitetura.

Querendo perpetuar a memoria do peito ilustre lusitano e mostrar aos vindouros, por sinaes imarcessiveis, a altura a que poudo chegar o nome português, engrandeceu o reino com muitos edificios, em cujas pedras deixou gravadas as tradições gloriosas do seu reinado

O real exemplo era imitado pelos fidalgos, que edificavam tambem, de modo que as riquezas trazidas de alem-mar nos galeões facultavam a todos luxuosa ostentação de sumptuosidades arquitetonicas.

A seu convite veem para Portugal varios artistas que aqui desenvolvem a arquitetura: mestre Nicolau Francez, João de Ruão, Jacques Loguim e Filippe Uduarte, que aqui introduzem o estilo da Renascença.

Mas, conservando-se os artistas nacionaes fieis á tradição gothica ou ogival, faz-se a mistura dos dois estilos em todas as artes belas, e esta mistura constitue o estilo manuelino, cujas divisas são: beleza da fôrma, tendencia para a realidade, independencia da pintura e escultura da arquitetura.

Nos edificios que D. Manuel mandou construir acha-se gravada toda a gloriosa cronica deste afortunado monarca.

Os emblemas e divisas esculpidos no Mosteiro de Belem narram as suas emprezas gigantescas que assombraram o mundo, que, aproximando os povos, abriram as portas á moderna civilisação.

Ao palacio de Cintra, de origem arabe, que havia sido melhorado e aformoseado por D. João I, deu D. Manuel a grandeza que ora tem.

As capelas imperfeitas da Batalha são modêlo de arte aperfeiçoada.

E' no seu tempo que, por ordem do bispo D. Diogo Ortiz de Villegas, conhecido pelo nome de Calçadilha, derivado da terra da sua naturalidade, se construe a abobada da Sé de Vizeu e o

côro alto de arco abatido, em que se diz ter trabalhado João de Castilho, que mais tarde, 1517 a 1519, encontramos trabalhando no Mosteiro e Torre de Belem.

E' tambem no seu tempo que muito se desenvolve em Evora a arquitetura.

No reinado de D. João III constroem-se já pelo estilo Renascença os Paços Reaes de Coimbra (hoje Universidade) em que trabalhou como arquiteto Diogo de Castilho e, por sua morte, Marco Pires.

No tempo deste monarca voltam de Italia a Portugal os artistas que ali tinham ido aprender, designadamente Francisco de Holanda, que são os arbitros da nova orientação.

Tendo estudado naquelle paiz as obras da antiguidade e as produzidas então pelos grandes e radiantes genios que eram o assombro do mundo e o orgulho dos papas Julio II e Leão X, expandem neste reino as scintilações belas, arrojadas, realistas, pagãs, da nova arte.

E' obra desta epoca o Convento de Cristo em Tomar, começado pelo arquiteto João de Castilho, em que ainda se vêem formas goticas, mas já de mistura com as da Renascença.

Ha, porém, trechos arquiteturaes do mais rigoroso e puro classicismo greco-romano, como são os do soberbo claustro, que dele constituem um exemplar rico, monumental, unico, e cujo arquiteto foi Diogo de Tarralva.

Em cada pedra se lê uma pagina da nossa historia, uma estrofe da nossa gloria, do nosso triumpho.

E' um monumento magnifico, nacional, patriotico.

D. João III introduziu no reino dois dos mais poderosos factores da nossa decadencia literaria e artistica, os Jesuitas e a Inquisição, que sufocaram o glorioso inicio da soberba Renascença, que tão beneficamente tinha beijado Portugal.

D'ai em diante a intellectualidade portugueza moldou-se nos estreitos limites instrutivos dos novos educadores.

As sciencias e as artes, que tão grande impulso haviam recebido, não poderam ir além, estacionaram nestes dois nefastos empecilhos.

Muitos sabios tiveram de emigrar.

Depois de D. João III é rapida a decadencia.

O desastre de Alcacer-Quivir, a sujeição á Hespanha, as lutas da Independencia, os desperdicios de D. Pedro II e de D. João V produziram uma completa derrocada

Todavia no tempo deste monarca levanta-se a Basilica de Mafra e a soberba Arcada das Aguas Livres que tanto honra os arquitetos do seu reinado, designadamente Manuel da Maia.

O Marquez de Pombal remexe e revolve todo o caduco edificio social portuguez. Chama artistas estrangeiros para ensinarem os nossos.

Construem-se alguns edificios publicos e particulares, mas sem gosto.

As casas apinhadas são mais proprias para prisões do seculo xvii do que para habitações.

As edificações da primeira metade do seculo xix em pouco variam das da segunda metade do seculo xviii.

Na segunda metade daquele seculo o espirito artistico portugûes desenvolveu-se, e para o estimular estabeleceu o benemerito Visconde de Valmôr um premio para o construtor do mais belo predio em Lisboa em cada ano.

Para apreciar as obras do nosso tempo ainda é cedo. Só as gerações vindouras o poderão fazer com vantagem.

Vizeu, 15 de outubro de 1913.

MAXIMIANO ARAGÃO.

A Heraldica no Museu do Carmo

(Contin. do n.º antecedente, pag. 134)

Escudos das armas nacionais

Brazão n.º 1 — Escudo coroadado, representando as armas de Portugal.

Está no topo inferior da tampa do sarcófago de D. Fernando I e é repetido mais doze vezes na mesma tampa, mas sem corôas.

Nos escudetes que já estão bastante sumidos tem por vezes cinco besantes feitos modernamente a compasso por algum curioso perigoso.

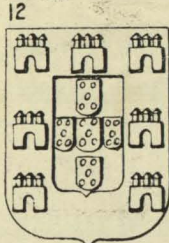
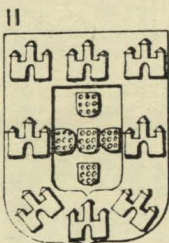
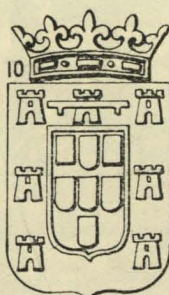
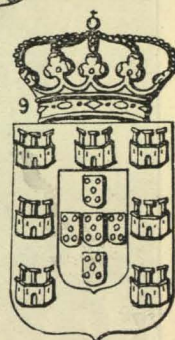
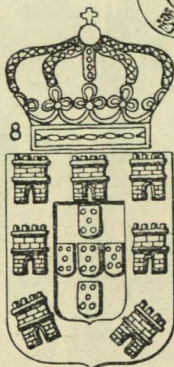
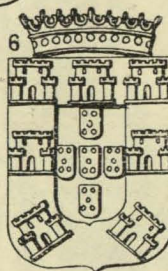
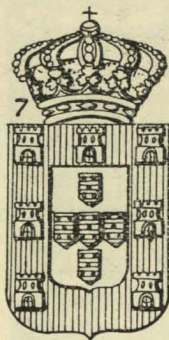
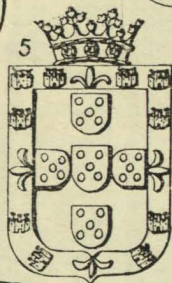
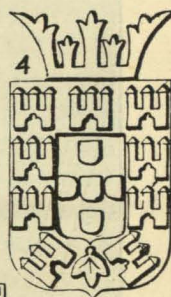
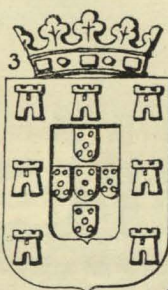
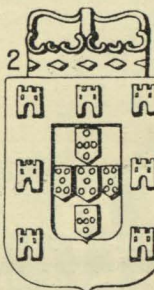
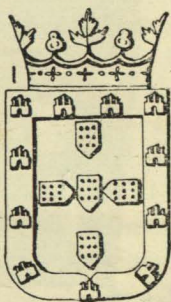
Depois duma analyse minuciosa encontrei nove besantes feitos na primitiva em um dos escudetes.

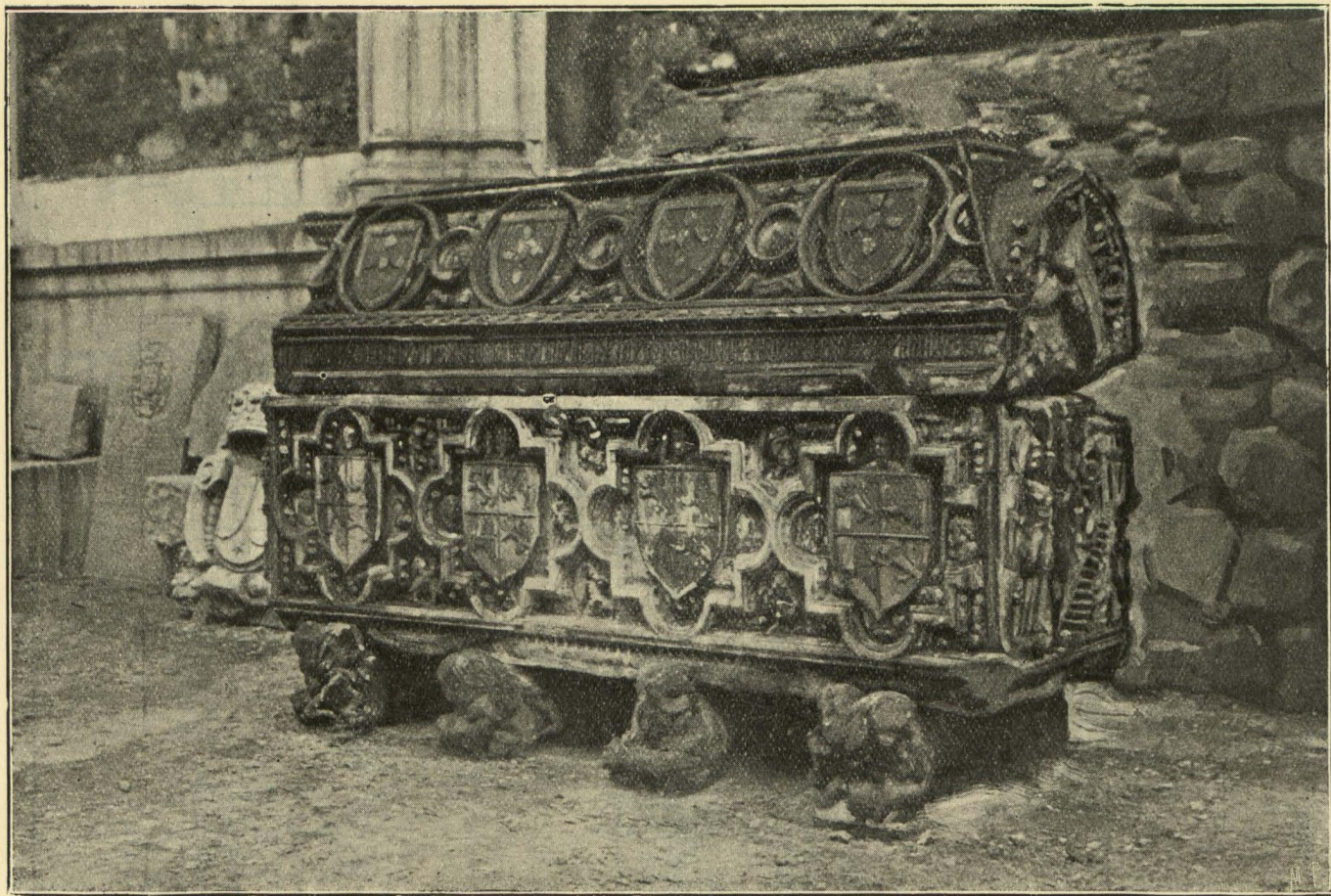
Este precioso sarcófago tem no catalogo os n.ºs 2300 e 2301 correspondentes á tampa e ao corpo principal do sarcófago.

A paginas 96 do Boletim n.º 6 da 2.ª série, correspondente a 1875, vem um artigo intitulado «Chronica» assinado por J. da Silva. Neste artigo vem referencia a este sarcófago nos seguintes termos:

— Um rico objecto e esculptura de apurado gosto artistico do fim do xiv seculo, acha-se agora depositado no Museu Archeologico do Carmo, é o magnifico tumulo d'El-Rei D. Fernando I, o qual estava na igreja profanada de S Francisco de Santarem, e ha muito já vasio e quebrado, como havia notado Garrett em 1833, lastimando então a sua ruina e abandono. Este lindo sarcófago de forma abaulada com primorosas esculpturas em todas as faces, compõe-se de vinte e dois grandes escudos e de trinta e dois bustos de esmerado lavor. O seu comprimento é de 3 metros, altura 1,80 centimetros, largura 1,15 centimetros; tendo de peso 3:500 kilogrammas.

Nos intervalos que ha entre os escudos e os circulos dentro dos quaes occupam o espaço, foram esculpidas figuras grotescas de singular composição, notando-se um alchimista sentado em uma poltrona mirando um frasco, porém está prezo a uma corrente que do pescoço termina a um cêpo que se vê aos seus pés,





SARCOFAGO DE EL-REI D. FERNANDO I
(BRAZÕES N.ºs 1 E 65)

a fim de que os seus malefícios não possam ser nocivos aos homens. —

A paginas 111 do Boletim n.º 7 da mesma série e ano, no artigo «Chronica» também assinado por J. da Silva, vem a seguinte noticia:

— O jornal inglez d'architectura n.º 1072 de 23 de julho do presente anno, na pag. 99, dá a noticia de estar exposto no Museu do Carmo o sarcophago que pertenceu a El-Rei D. Fernando I, gabando a perfeição e a riqueza das esculpturas; reputando-o sêr um dos melhores especimens dos tumulos do seculo xiv que existem em Portugal.—

A paginas 122 do Boletim n.º 8 ainda referente ao mesmo anno, também assinado pelo architecto J. da Silva, vem um artigo intitulado «Tumulo d'El-Rei D. Fernando I de Portugal.»

Desse artigo transcrevo a parte que interessa aos fins heraldicos:

— Nota se uma particularidade, que á primeira vista parece de difficil explicação: isto é, que, examinando os escudos d'armas que figuram nas duas faces na caixa marmorea, não representem as armas reaes portuguezas, como aquelles que occupam a face superior da campá.

A razão disto vem a ser, que o illustre genro d'El-Rei D. Fernando, o Conde de Gijon e de Noronha, D. Affonso, filho bastardo d'El-Rei D. Henrique II de Castella, e esposo de D. Izabel, filha natural do primeiro destes soberanos, foi quem mandou fazer este tumulo, muito tempo depois do obito do monarcha, e para constar que fôra quem ordenára esta obra, collocaram o sêu brazão nas faces lateraes do cofre deste tumulo.

O epitafio é do teor seguinte, copiado fielmente conforme foi esculpido:

... MUY: NOBRE: REY: DON FERNANDO: FILHO
DU MUI NOBRE: REY: DON PEDRO: E DA YNFANTE:
DON:/A COSTANCA: FILHA: DE DON YOHAN MANUEL:
QE FYNOU EN LYXBOA: NO ABYTO DE SAN FRAN-
CISCO: FERIA QYNTA: XX. / II DYAS DE OUTUBRO:
ERA DE MIL: E CCC E XXY ANOS:

A delicadeza da escultura e a perfeição desta obra faz supôr ser trabalho de artista italiano, não havendo memoria do nome deste habil esculptor para que ficasse registado nos anaes artisticos de Portugal. —

Ainda encontrei um outro artigo assinado por J. P. N. da Silva, intitulado: «Sarcophago d'El-Rei D. Fernando».

Este artigo vem a paginas 153 do Boletim n.º 10 referente a 1876.

O brazão que se encontra nove vezes repetido é o escudo dos Manueis e ao qual me refiro sob n.º 65.

Brazão n.º 2 — Escudo coroadado representando as armas de Portugal.

A paginas 80 do Boletim n.º 5 da 2.ª série correspondente a 1875 vem: — O Sr. Luiz Power, Vice Consul da Russia em Gibraltar, descobriu em Marrocos, no logar de Mazagan, no qual os portugueses noutro tempo edificaram um forte, que tinha sido abandonado em 1769, um brazão que estava enterrado, conhecendo-se pelos castellos ser do tempo d'El-Rei D. Manuel, por ter sete castellos e a coroa aberta conforme havia adoptado aquelle soberano no ultimo tempo do seu reinado. Este brazão está actualmente no Museu d'Archeologia do Carmo. tendo sido offerecido pelo Sr. Power; havendo-nos penhorado sobremaneira proceder tão delicado, assim como qual é a illustração d'este cavalheiro. —

A paginas 89 do Boletim n.º 6 da mesma série, vem publicada a «Synopse dos trabalhos efectuados no anno de 1874 lida pelo secretario na sessão solemne de 6 de maio de 1875».

Nesta Sinopse encontrei: — O Vice-Consul da Russia em Gibraltar, Mr. L. Power na sua vinda a Lisboa procurou o Sr. Presidente a fim de lhe offerecer, para ser depositado no Museu, um brazão portuguez que trouxe de Marrocos e por elle descoberto em Magassar do tempo d'El-Rei D. Manuel. —

No catalogo tem este escudo o n.º 3884.

Brazão n.º 3 — Escudo coroadado representando as armas de Portugal.

Brazão n.º 4 — Escudo coroadado representando as armas de Portugal que no catalogo tem o n.º 3888 com a seguinte referencia: — Brazão real portuguez, ter do nove castellos e coroa aberta, do reinado de El Rei D. Fernando 1350: Offerecido pelo sr. Antonio Santa Rita.

Já existia no Museu em 1876.

Este Sr. offereceu outro escudo com oito castellos do ano de 1323 que não encontrei no Museu e que no catalogo tem o n.º 3889.

Brazão n.º 5 — Escudo coroado representando as armas de Portugal do tempo de D. João I. Faz parte do fecho duma abobada.

Brazão n.º 6 — Escudo coroado, representando as armas de Portugal que faz parte da estatua, em madeira, de D. Afonso VI.

No Boletim n.º 9 referente a 1884. Tomo IV da 2.ª série a paginas 144 vem publicado um artigo intitulado «Chronica» e por elle se vê que — Na Villa de Alcobaça descobriu-se uma pequena estatua representando El Rei D. Affonso VI; pelo digno administrador do Concelho o Sr. Augusto Cesar Marques, foi offerecida para o Museu do Carmo. Louvores sejam dados aos funcionarios publicos que sabem apreciar as antiguidades e fazem com que se conservem. —

Brazão n.º 7 — Escudo coroado, representando as armas de Portugal, que esteve no antigo edificio da Imprensa Nacional.

Em volta por entre ornatos, tem a seguinte legenda:

INTE. ET IN. SEMINE. TUO.

IMPERIUM MEVM

Veio para este Museu em 27 de julho de 1911 por intermedio do socio Sr. João Rodrigues Fernandes.

Encontrava se em deposito na Cerca de Jesus.

Brazão n.º 8 — Escudo coroado representando as armas de Portugal existente na estatua de D. Maria I, que se acha exposta no Museu.

Este escudo está sobre um manto, tendo na base do escudo a cruz de Christo suspensa duma fita que está interlaçando os pés duma palma e dum ramo de carvalho.

Brazão n.º 9 — Escudo coroado representando as armas de Portugal. Este escudo está á direita do escudo dos carmelitas que á sua esquerda tem o escudo dos Pereiras, formando todos tres o fecho do arco do Cruzeiro da Capella-Mór da Egreja do Carmo.

Brazão n.º 10 — Escudo coroado representando as armas de Portugal, aberto num marco. Está bastante sumido, percebendo-se porém que tem um banco de pinchar e dois escudetes a mais, de forma rectangular.

No verso do marco tem a fôrma dum escudo e coroa de iguaes dimensões, mas ou não foi acabado ou foi picado.

Por baixo do escudo que está visível, tem os seguintes caracteres:

R G° D
S A C A

Que provavelmente quererá dizer = Reguengo de Sacavem.

Na acta da sessão da Assembléa Geral de 22 de Maio de 1907, o Sr. Rosendo Carvalheira disse—que fôra o Sr. Conde dos Olivais e Penha Longa que oferecera para o Museu do Carmo o Marco reguengueiro encontrado na sua propriedade da Quinta do Cabeço nos Olivais.

Não podia determinar a epoca daquele monumento de dupla face, que talvez fosse para demarcação dos terrenos do antigo infantado; nem o Sr. Conde pudéra dar-lhe esclarecimento nenhum a semelhante respeito; submetia esse assunto ao estudo dos consocios arqueologos que via presentes e propunha que se enviasse um officio de agradecimento ao oferente.—

Brazão n.º 11 —Pequeno escudo das armas de Portugal aberto num bloco de pedra aparelhado em duas faces. Está partido, vendo-se só parte do escudo.

Brazão n.º 12 —Escudo representando as armas de Portugal. Tem paquife e está bastante deteriorado pela acção do tempo. Veio do Arsenal de Marinha em 10 de Novembro de 1902 e pertenceu ao Forte de S. Paulo.

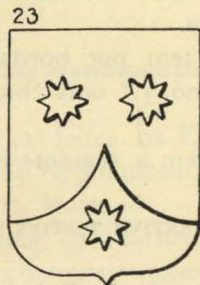
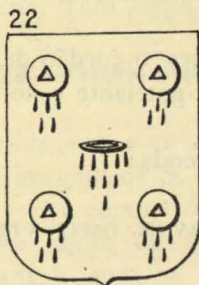
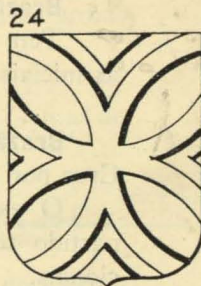
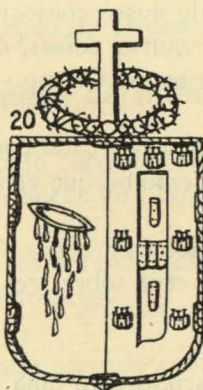
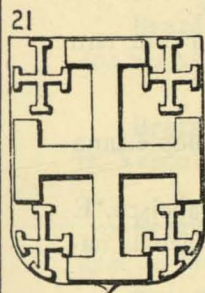
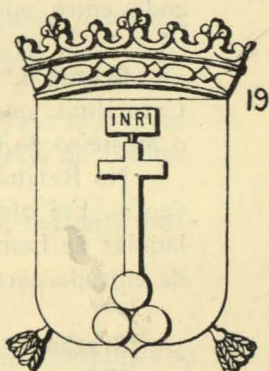
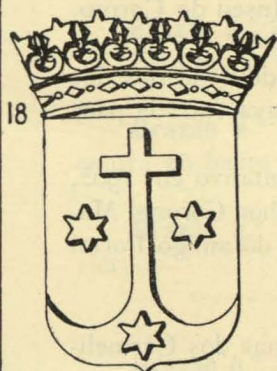
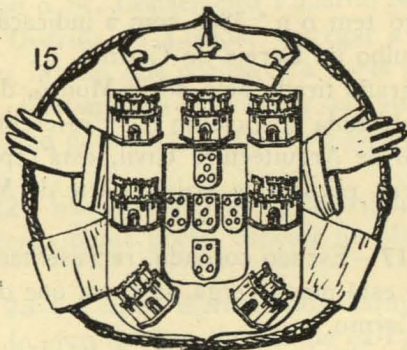
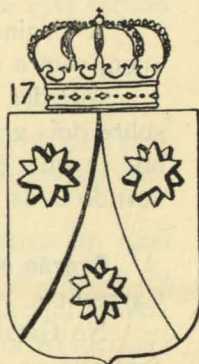
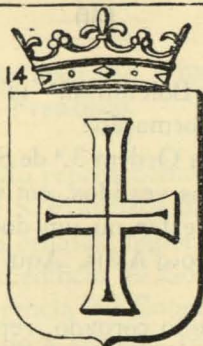
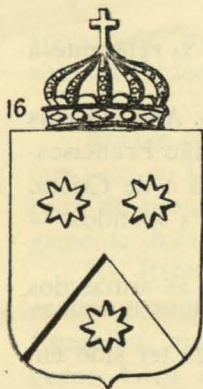
Brazão n.º 13 —Escudo d'armas de Portugal do tempo de D. João I. Faz parte do fecho duma abobada.

Escudos das ordens religiosas

Brazão n.º 14 —Escudo coroado, representando a cruz da Ordem de Cristo, aberto num pequeno bloco de pedra.

Brazão n.º 15 —Escudo coroado, representando as armas de Portugal sobre os emblemas e distintivos da Ordem de S. Francisco.

Veio do Convento de S. Francisco da Cidade em 24 de Fevereiro de 1909.



A paginas 779 do Boletim n.º 11 do Tomo XI referente a 1909, vem a seguinte informação:

—Pedra que veio da Ordem 3.^a de S. Francisco. Armas Reais sobre dois grandes braços vestidos, em volta o cordão Franciscano. O que é vulgar é estar nú um dos braços, nú o de Cristo, vestido o de S. Francisco d'Assis. Aquí estão ambos vestidos. —

Brazão n.º 16—Escudo coroadado, representando as armas dos Carmelitas.

No Catalogo tem o n.º 3890 com a indicação de ter sido encontrado no entulho da Igreja do Carmo.

Numa fotografia tirada pelo socio Munró, da Associação dos Arqueologos, publicada no Boletim n.º 7 referente a dezembro de 1886 do Arquivo de Architectura Civil, está reproduzido este escudo entre outras peças que faziam parte do Museu do Carmo.

Brazão n.º 17—Escudo coroadado, representando as armas dos Carmelitas, que está numa verga da porta que dava entrada para o Mosteiro do Carmo.

No Relatorio da gerencia do Conselho Facultativo em 1905, vem:— Foi oferecido pelo nosso consocio, o Senhor Coronel Malaquias de Lemos, enire outras coisas, os restos do antigo Portal de entrada para o Mosteiro do Carmo.—

Brazão n.º 18—Escudo coroadado com as armas dos Carmelitas. Foi encontrado no entulho que estava na Igreja do Carmo.

Brazão n.º 19—Escudo com coroa aberta e paquife.

Tem ao centro uma cruz sobre tres bolas. Sobre a cruz tem as iniciais I N R I.

Brazão n.º 20—Escudo com uma coroa de espinhos e uma Cruz por timbre.

O escudo tem por bordadura o cordão de S. Francisco. É partido tendo no 1.º uma chaga gotejante e no 2.º as armas nacionais.

Em volta tem a seguinte legenda:

POENITENTIVM TERTIVS SEXV. M. CAPIT. VTRVMOVE.

A paginas 779 do Boletim n.º 11 do Tomo XI referente a

1909, vem transcrita esta inscrição e indicação: que este escudo veio da Ordem 3.^a de S. Francisco.

Brazão n.º 21—Escudo representando as armas de Jerusalem, que veio do Convento de S. Francisco da Cidade em 24 de Fevereiro de 1909. Está entre ornatos, numa verga da porta que antigamente dava ingresso ao edificio do Governo Civil.

No Relatório da gerencia do Conselho Facultativo em 1906 encontrei sobre este escudo a seguinte referencia: — A pedido do Conselho, mandou o Sr. Conselheiro Eduardo Segurado, Governador Civil do Distrito de Lisboa, entregar a esta Associação para o Museu, o brazão que encimava a porta principal do Governo Civil, que fôra apeado em virtude das obras que se estão realizando no edificio daquella repartição do Estado.—

Brazão n.º 22—Escudo com cinco chagas gotejantes, em aspa. Está numa verga duma porta, exposta no Museu.

Brazão n.º 23—Escudo d'armas dos Carmelitas que se encontra no fecho do arco da Capella-mór da ex-Egreja do Carmo.

Brazão n.º 24 — Escudo da Ordem de Malta, bastante deteriorado.

Escudos de nobreza

Brazão n.º 25—Escudo coroado. Esquartelado das quinas de Portugal e Gusmões com bordadura dos Castellos.

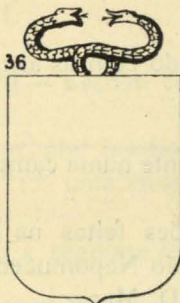
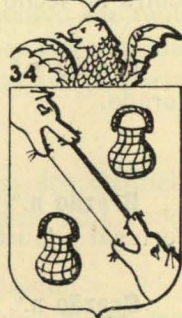
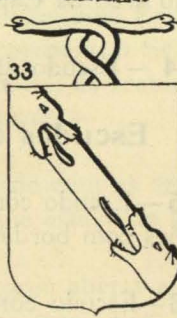
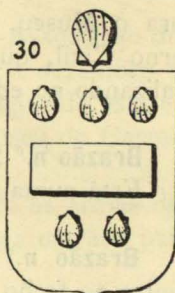
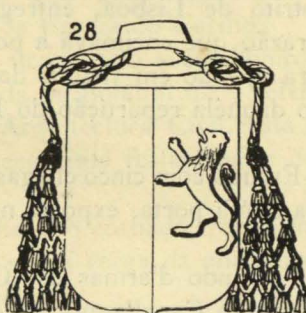
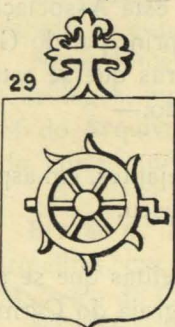
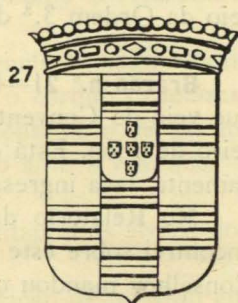
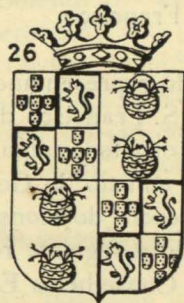
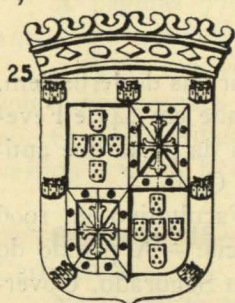
Brazão n.º 26—Escudo coroado, esquartelado com as armas dos Sousas de Prado e Pachecos.

Brazão n.º 27—Escudo coroado com as armas dos Gamas de D. Vasco da Gama. Tem paquife.

Brazão n.º 28—Escudo existente numa campaa que foi do Cardeal da Mota.

Foi encontrada nas escavações feitas na Egreja do Carmo para assentar a imagem de S. João Nepomuceno a meio do cruzeiro onde hoje está a estatua de D. Maria I.

Existia neste ponto da Egreja um carneiro a que tinha abatido a abobada e onde se encontraram ossos espalhados e



restos dum esqueleto de ferro. O craneo tinha a parte superior serrada.

O Cardeal da Mota morreu em 4 de Outubro de 1739 e teve grandes exequias no Carmo.

O escudo tem o chapéu e insignias de Cardeal, é partido, na 1.^a não se conhece nada do que teria, na 2.^a tem um leão coroado conforme o croquis que apresento.

Por baixo do escudo existem entre os ornatos, ramos de loiro e de carvalho e a seguinte inscrição:

D O M

IOANNES S. R. E. PRESB. CARDI

NALIS DA MOTTA VIXIT....

ANNOS LXII MENS.....

DIE XXI OBIIT IV... OCTOBRIS ANN...

DOMINI MDCCX... VII

Brazão n.º 29—Escudo timbrado, contendo a roda de Santa Caterina e por timbre uma cruz. É uma reprodução em gesso oferecida pelo socio Sr. Mena, e entrada no Museu em 25 de Novembro de 1902.

O original está no teto da Capela-mór da Igreja de S. Pedro de Penaferrim, junto a Cintra.

Este escudo está amparado por dois anjos ajoelhados tendo cada um sobre a cabeça uma pomba que com o bico amparam o timbre.

Constitue este escudo o emblema que D. Alvaro de Castro adotou por em 1541 ter sido armado Cavaleiro por D. Estevão da Gama, á vista de Monte Sinai.

Brazão n.º 30—Escudo timbrado, amparado por duas sereias, de dois rabos, que seguram uma fita que enlaça a vieira do timbre.

Esta lapide está partida e foi encontrada no Campo das Cebôlas quando se construia um predio.

Brazão n.º 31—Escudo timbrado, representando as armas dos Rebelloes. Tem paquife e elmo a tres quartos.

A pedra que contém este escudo, tem pelo lado de traz a seguinte inscrição:

LOUVADO SEIA

O SANTISSIMO SACRAMENTO

1632

Na sessão da Assembleia Geral de 3 de Junho de 1909, foi lida a correspondencia, entre a qual o documento n.º 10, constava de dois officios do Ex.^{mo} Sr. Alvaro Nobre da Veiga, dignissimo Tenente-coronel, Comandante de artilharia n.º 8, comunicando no primeiro a existencia de um brazão de armas, naquele quartel, o qual fôra achado em umas escavações na parede do regimento, a Campolide; e no segundo a sua oferta por parte daquele corpo, ao nosso museu. —

O sr. Gustavo Matos Sequeira que secretariou esta Assembleia, declarou: — achar-se já tal brazão dentro do edificio do Carmo, prometendo para breve, a apresentação de uma noticia sobre este objeto, como base parcial para a factura do catalogo. —

Brazão n.º 32 — Escudo timbrado com as armas dos Rebellos, tendo por differença um trifolio. *e um carde*

Tem elmo de frente e paquife.

No Relatorio da gerencia do Conselho Facultativo em 1903, vem: — oferecido pelo Sr. Francisco Martins, um curioso brazão de armas. —

Deu este escudo entrada no museu em 14 de Fevereiro de 1903, mas não trazia o timbre.

Um dia o pai do Sr. Francisco Martins visitando o museu, reparou que o escudo oferecido pelo seu filho, que já tinha falecido, não tinha o timbre, pelo que o obteve e ofereceu ao museu.

Brazão n.º 33 — Escudo timbrado com as armas dos Andrades, tendo por differença uma estrela de oito bicos.

Este escudo com paquife está numa campa que actualmente serve de verga á porta que da ex-Capela-Mór da Igreja do Carmo dá para a Capela, hoje Biblioteca da Associação dos Arqueólogos.

Por baixo do escudo tem a seguinte inscrição:

S.^a DE MIGUEL DAM

DRADE E DE SVA MOLER

BARBORA BOTELHA E ER.....

O resto da inscrição não se pode ler por estar metida na parede.

Brazão n.º 34 — Escudo timbrado, representando as armas

dos Alvares de Andrade, de perfeitissima execução em marmore branco com elmo a tres quartos e paquife.

Está numa grande campã inteira. O braço está ao balon.

Já existia esta preciosa lapide neste museu em 1866 conforme se vê numa fotografia que já citei, tirada pelo socio Munró e publicada com o Boletim n.º 7 de Dezembro de 1866 no «*Archivo*» de Architectura Civil / Jornal / dos / Architectos portuguezes e Archeologos.

Por baixo do braço está a seguinte inscrição:

CAPELLA. E. SEPVITURA. DE FERNÂ DALVAREZ, DÁDRADÉ. DO

CONSELHO DELREI D. JOÃO. O. III DE CEDO PER LINHA DEREITA

DA NOBRE GERAÇÃO DOS CÔDES DÁDRADÉ DE GALIZA

FALLECEO E MARCO DE MDLII

E DE D. DONA ISABEL DE PAIVA SVA MOLHER

FALLECEU EM MAIO DE MDLXXX

E DE SEVS DECENDENTES.

No catalogo tem esta lapide o n.º 2310 com a indicação de que foi encontrada numas escavações feitas em frente do Palacio do Conde de Penafiel e oferecida por este titular a este museu.

Isto é um engano que sempre tem sido conservado. Esta lapide entrou no museu em 26 de Fevereiro de 1866, vindo do convento das freiras da Anunciada em Lisboa.

A lapide oferecida pelo Sr. Conde de Penafiel é a que tem o braço que apresento sob n.º 56.

Braço n.º 35 — Escudo timbrado, talvez dos Seromenhos com elmo a tres quartos. No catalogo tem o n.º 3891, com a seguinte informação: — Um braço de marmore, tendo por emblema um leão sobre o capacete: oferecido pelo socio o Sr. Visconde de Alemquer. —

Braço n.º 36 — Escudo timbrado com elmo a tres quartos e paquife. Consiste numa pedra muito bem trabalhada e que tem um braço embutido. O braço desapareceu, havendo conhecimento pelo timbre que devia pertencer aos Andrades.

Esta pedra existe no Museu desde os primeiros anos da sua fundação, pois que aparece na fotografia já referida e que foi publicada com o boletim n.º do *Archivo da Architectura Civil*.

Nesta fotografia por cima do escudo appareceu um letrado

que conseguí ler com auxilio duma lente. Desse letreiro apúrei o seguinte:

—«Escudo das armas da Familia dos Andrades e Sousas, achado em Santarem»

No catalogo antigo vem sob o n.º 3886 a seguinte indicação:—«Escudo d'armas dos Andrades e Sousa—1543: oferecido pelo Snr. João de Matos Gomes.»—

Brazão n.º 37—Escudo d'armas esquartelado, talvez dos Pimentes e Maldonados. Está ao balon, tem elmo a tres quartos e paquife. Foi depositado pela Sr.^a D. Elisa Olaia Pimentel Maldonado, conforme consta do Relatorio do Conselho Facultativo em 1906.

Brazão n.º 38—Escudo timbrado com as armas dos Brandões com elmo a tres quartos e timbre. Está numa campa. Por baixo do escudo tem a seguinte inscrição:

ESTA CAPEL E SEPVL
TVRA HE DE ANRÍQE
BRANDAM
D 15

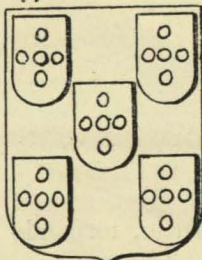
Foi encontrado nas ruínas do Mosteiro do Carmo e oferecido para o Museu pelo General Queiroz em 24 de março de 1895. Esta campa está partida.

É natural que em vista desta campa se encontrar nos escombros do Mosteiro do Carmo, tenha relação com um jazigo existente nesta Igreja na «Capela de Nossa Senhora dos Prazeres» e que tinha a seguinte inscrição:

AQUI JAS DARTE BRANDÃO, CAVALLEIRO DA GARROTEA, A QUAL GANHOU NO REINO DE INGLATERRA POR MUITOS AFAMADOS SERVIÇOS QUE FEZ A EL-REI DUARTE, QUE A ESTE TEMPO ERA NO REINO, DO CONSELHO DOS REYS DE PORTUGAL: O QUAL FALECEO AOS 11 DIAS DE NOVEMRRO DE 1508.

Brazão n.º 39—Escudo timbrado com paquife e elmo a tres quartos. Não é português.

41



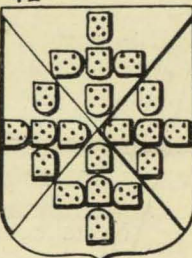
39



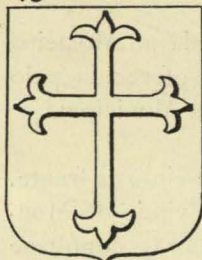
40



42



43



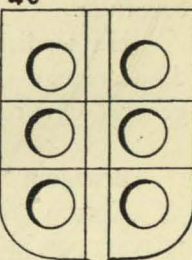
44



45



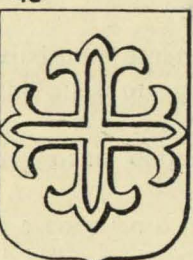
46



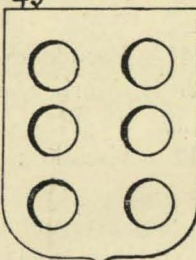
47



48



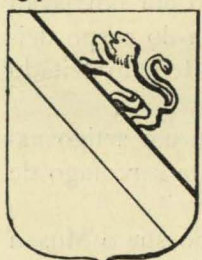
49



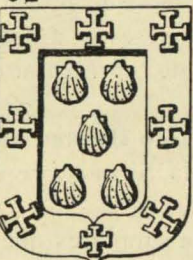
50



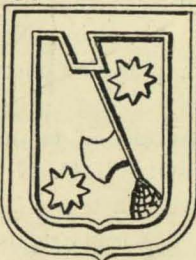
51



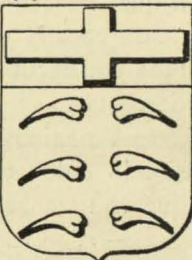
52



53



54



Tem por baixo a seguinte inscrição:

.... DE HENRIQUE COELER E DE SVA MO
 IA VENTVRA E DE SEVS DES
 ES HERDEIROS E SUCCESSORES
 POR TRESPAÇASSÃO Q LHES
 IRMANS SOBRINHA E HERDEIRA
 MPOS INSTITVIDORA POR ESCRI
 NOTAS DO TABALIAM DO^s CAR
 20 DE ABRIL DO ANNO DE 1630

Nesta campá falta-lhe o canto inferior esquerdo, tornando portanto incompleta a inscrição que pela leitura facilmente se reconstitue.

Ha tradição de que esta campá foi encontrada no Mosteiro do Carmo e que veio para este Museu em 1895, oferecida pelo general Queiroz, quando comandante das Guardas Municipais.

Brazão n.º 40—Escudo timbrado com paquife e elmo de frente.

Entrou no Museu em 23 de Agosto de 1900, vindo de Montelavar por diligencia do Sr. Rosendo Carvalheira, conforme consta do Relatorio do Conselho Facultativo, em 1901.

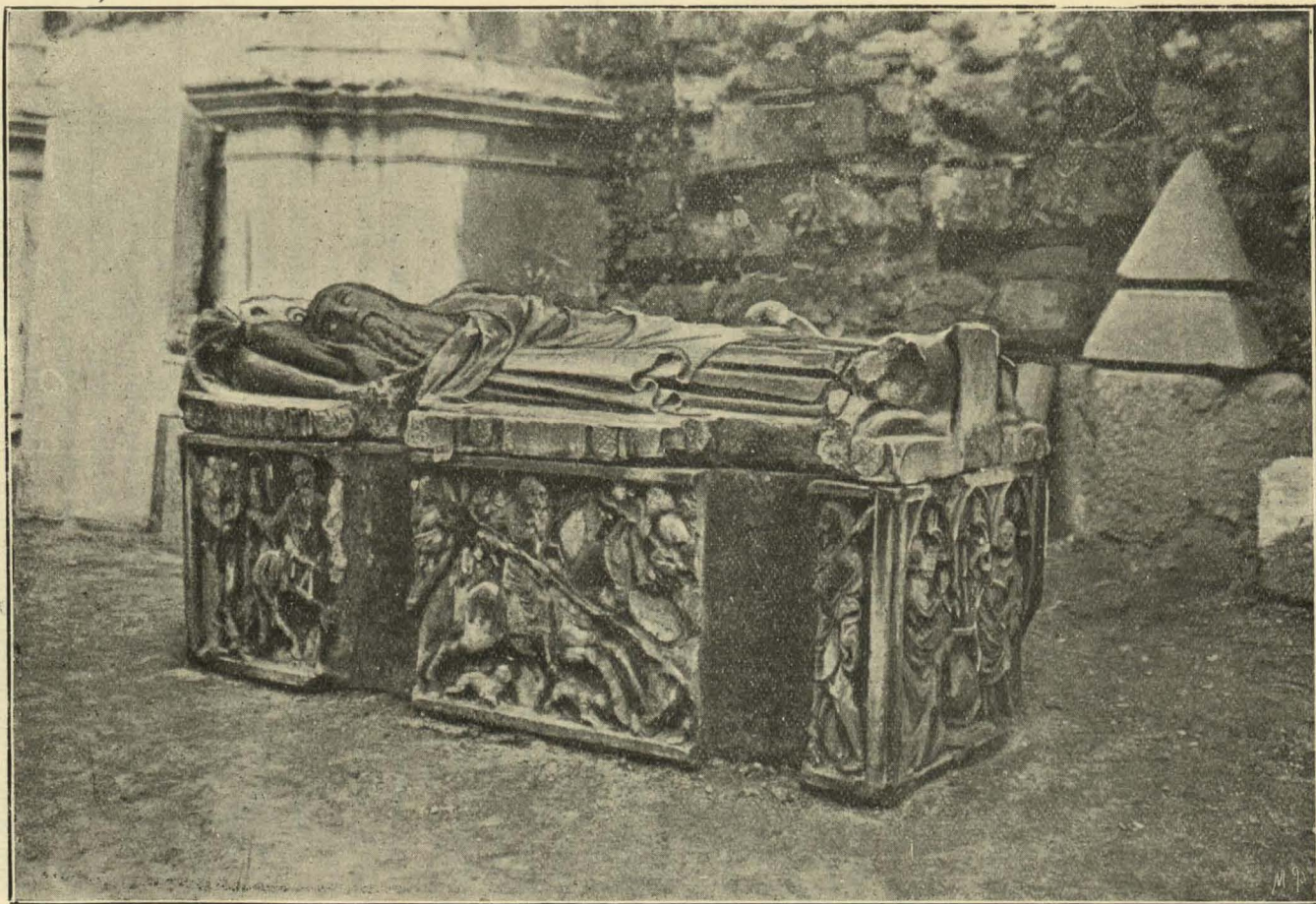
Brazão n.º 41—Escudo existente num baixo relevo da base do monumento de D. Maria 1, exposto neste museu.

Brazão n.º 42—Escudo repetido cinco vezes no sarcophago do Infante D. Sancho.

No catalogo tem este tumulo o n.º 2302 e a seguinte indicação:—Sarcophago do Infante D. Sancho, filho de el-rei D. Diniz, o qual faleceu em Santarem, por ter sido mordido por um javali numa caçada em Almeirim. Nota-se estar a figura do corpo deitada em decubito, quando é costume representar o defunto deitado de costas.—

A paginas 169 do 3.º volume do Boletim vem um artigo assinado pelo arquiteto J. P. N. da Silva sobre este sarcophago de que vou transcrever parte:

—... é um dos mais raros exemplares que possui o Museu de Arqueologia da Real Associação dos Arquitectos Civis e Arqueologos Portuguezes, e que está exposto no edificio do Museu do Carmo em Lisboa, havendo mais outro, que representa o fi-



SARCOFAGO DO PRINCIPE D. AFONSO SANCHES
(BRAZÃO N.º 42)

nado deitado sobre ailhargá, existente no jazigo real de S. Diniz em França, porque geralmente o cadáver era sempre posto de costas, não só para ocupar o espaço todo que cobria o seu jazigo, como poder mostrar o rosto fitando o céu, parecendo esperar que naquela habitação celeste sua alma seria recolhida entre os bem-aventurados.

Foi desde o XII século que se principiou a colocar sobre a campa dos sarcófagos o vulto da pessoa neles encerrada; não se escudia no seio da terra o corpo do defunto, como se fosse um objeto de terror e de aflição, pois que, representando-se sobre a campa o seu corpo, vendo-se a sua attitude tranquila e conservando as mãos postas em oração, exprimia o descanso da sua alma, a resignação e a esperança de alcançar o premio de suas virtudes.

El-Rei D. Diniz prezava mais o seu filho natural D. Afonso Sanches do que o filho legitimo D. Afonso, que herdou depois a corôa; havia, pois, ciúmes deste, pela afeição mais pronunciada do soberano para com o primeiro.

D. Sanches indo um dia caçar a Almeirim, estando a côrte em Santarem, foi mordido por um javali, cuja ferida causou a sua morte, vindo a falecer naquela vila, sendo sepultado no Convento de S. Domingos, El-Rei D. Dinis mandou-lhe fazer este sarcófago, estando representado na face principal o fatal acontecimento da caçada, onde se observa o príncipe a cavallo acometendo o animal, e os creados temerosos refugiando-se sobre as arvores; e posto que esta escultura em alto relevo esteja mutilada em dois logares, por um encaixe que lhe abriram (e nós explicaremos depois o motivo deste vandalismo), todavia, deixa ver o facto que causou a morte prematura do príncipe, que o artista representou com vigorosa execução.

Ainda que não conste a razão por que a effigie do príncipe esteja na posição que não era uso adoptar-se, ousamos na nossa humilde opinião, supor que o motivo de ficar por este modo deitado, seria que a mordedura do feroz animal fosse feita sobre a perna esquerda, impossibilitando o ferido de se poder deitar sobre o outro lado, e ter falecido naquela posição.

O distinto secretario da Associação Franceza de Archeologia, Snr. J. M. Laurière, que veio a Lisboa em 1880, ao congresso de antropologia e archeologia prehistoricas, o qual visitou na companhia dos outros membros o Museu de Archeologia do Carmo, exprime-se ácerca do merecimento artistico desta escultura,

pelo modo seguinte a paginas 617 do volume vi (1881) do *Bulletin Monumental d'Archéologie*, num artigo intitulado «Souvenirs Archéologiques du Portugal»:

«Parmi les objets du moyen âge, d'anciens tombeaux de personnages historiques attirent l'attention et donnent d'excellents types de ces sortes de monuments, en usage en Portugal et en Espagne aux xiv^e et xv^e siècles. Les coffres rectangulaires, en pierre ou en marbre, comme celui du roi Don Fernando $1.^{er}$, avec couvercle en forme de pyramide basse et tranquée, tirent un puissant effet décoratif de la présence, sur leur faces, d'écussons héraldiques enfermés dans des cadres multilobés. D'autres plus simples, ornés d'écussons, montrent sur leurs couvercles plats, dans l'immobilité de la mort, les graves physionomies des défunts, comme le sarcophage de D. Gonçalves de Sousa, grand commandeur de l'ordre du Christ. *Parmi les tombeaux portant les effigies des personnages, il en est un, celui de Don Affonso Sanches, dont la statue est couchée sur le flanc, exemple très-rare d'une exception à l'usage consacré avant le xvi^e siècle de représenter le défunt étendu, le visage tourné vers le ciel. La chevelure partagée sur le front et tombant en ondes souples sur les épaules, la barbe raide, ajoutent encore a cette effigie un caractère de curieuse originalité*».

— Quando em 1866 fomos a Santarem diligenciar que as obras de arte que se achavam abandonadas, mutiladas e desprezadas nas egrejas profanadas, daquela cidade, pudessem ser conservadas para servir á historia das Bellas Artes do nosso paiz; notámos que na remota Capela do Rosario de Nossa Senhora de Oliveira, da fundação de 1222, e junto da qual se edificou depois o Convento de S. Domingos em 1225, havia, defronte do retabulo, pertencente ao tumulo de Ruy de Menezes, uma grande pedra lavrada a picão, encravada na parede e a tosca face no destorcimento da parede de alvenaria! Causou nos admiração vêr a pedra colocada por aquela fórma, e a fim de verificar o motivo de similhante construção, mandamos esburacar a parede sobre os dois lados da dita pedra (munidos da precisa autorização), e veio a descobrir-se que estava entaipado o sarcofago. Ficámos surpreendidos por tão inesperado achado! Procurámos explicar qual seria o poderoso motivo que tivesse determinado aos frades ocultar aquele tumulo e mutila lo. Não obstante não haver nada escrito a este respeito. podemos conjecturar, com plausivel probabilidade, que depois do passamento de el-rei D. Diniz, e de ter subido ao trono seu filho

legítimo D. Afonso IV, os frades sabendo a rivalidade que havia existido entre os dois irmãos, com o fim de lisonjear o novo soberano, esconderam dentro da parede as esculturas e o rosto do infeliz príncipe D. Sanches: e no mesmo lugar onde tinha sido posto o sarcófago, aparecia então uma grande pedra tosca, que por modo algum fazia recordar ter pertencido ao tumulo do filho natural do rei finado! Ora como a grossura da parede não permitisse esconder totalmente todo o tumulo, porque havia duas hobreiras e uma porta fingida sobre a face oposta, que fazia fundo ao tumulo, tiveram de mutilar as esculturas da face principal do sarcófago em dois logares, a fim de fazer a necessaria caixa para entrar todo o alto relevo no tardo das ditas hobreiras, e ficar só a pedra das costas do mencionado tumulo apparente na parede da capela.

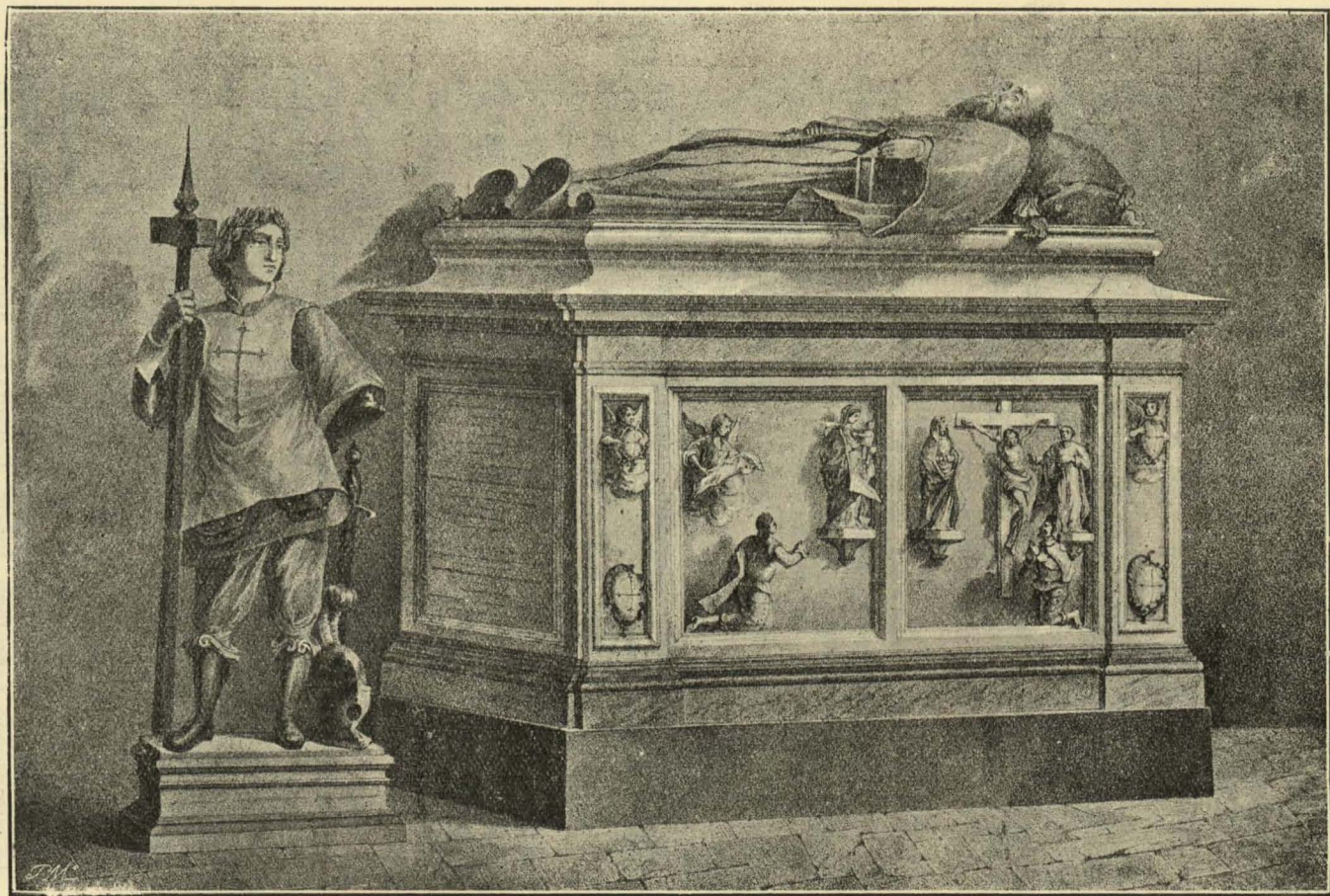
A *Historia de Santarem edificada*, obra publicada pelo cônego Inacio da Piedade e Vasconcelos, em 1740, posto que descrevesse todos os tumulos que havia na igreja deste convento, não menciona este sarcófago; talvez por ignorar, quando deu á luz a sua obra, que ele estava entaipado havia 415 anos. —

Brazão n.º 43 — Escudo de armas dos Pereiras repetido quatro vezes no sarcófago em madeira, do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

No catalogo tem o numero 2324 e a seguinte informação: — Mausoleu de madeira, que substituiu o de marmore, destruido pelo terramoto de 1755, e que encerrava os despojos mortais do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Ignorava-se o destino que se lhe teria dado, mas o Sr. Possidonio da Silva pôde descobri-lo, restituindo-o em 1868 ao seu devido lugar na antiga Igreja de Nossa Senhora do Vencimento, fundada por aquele inclito varão, para comemorar a celebre vitoria de Aljubarrota em 1385. —

D. Nuno Alvares Pereira, segundo Condestavel de Portugal, Conde de Ourem, de Barcelos e de Arraiolos, o vencedor de tantas e tão grandes batalhas, nasceu em Sernache do Bomjardim no dia 24 de junho de 1360, morrendo em Lisboa no dia 1.º de Novembro de 1431 com pouco mais de 71 anos de idade.

Filho de D. Fr. Alvaro Gonçalves Pereira, Prior do Crato, companheiro em 1340 de D. Afonso IV á batalha do Salado, e de Eiria Gonçalves do Carvalhal, foi casado com D. Leonor d'Alvim e pae de D. Brites Pereira de Alvim, que casando com D. Afonso, Conde de Barcelos e primeiro Duque de Bra-



FAC-SIMILE EM MADEIRA DO SARCOFAGO E ESTATUA DE D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BRAZÃO N.º 43)

gança filho de D. João 1, foram os progenitores da Dinastia Bragantina.

O que foi a vida do grande Condestavel, todos os portuguezes o sabem.

Sendo religioso carmelita calçado no convento da sua fundação e da invocação de Nossa Senhora do Vencimento do Monte do Carmo, faleceu como acima disse em 1 de novembro de 1431. Em sepultura rasa a meio da capela mór da Egreja do Carmo, onde hoje é a sala das sessões da Associação dos Arqueólogos, ficaram sepultados os restos mortaes desse grande vulto historico.

Na campa que o cobria lia-se:

ILLE COME-STABILIS BRAGANTI NOMINIS AUTHOR
NUNVS ADEST, DUX MAXIMUS HIC MONACHUSQUE BEATUS
QUI REGNUM ASCIVIT VIVENS SORTIBUS IN OVUM
COELUM CUN SUPERIS NAM POST NUMEROSA TROPHOEAE
CON SUMPSIT POMPAS HUMILISQUE EX PRICIPE FACTUS
HOC TEMPLUM POSUIT, COLUIT, CENSUNQUE DECAVIT.

El-Rei D. Duarte mandou colocar uma lampada de prata sobre esta sepultura.

Em 1531 uma neta de D. Nuno, a Princeza D. Joana, filha dos Reis de Castela D. Fernando e D. Isabel, e mulher do Conde de Flandres, Filipe o Formoso, filho do Imperador Maximiliano 1, fez trasladar os restos mortaes de seu avô para um sarcofago de alabastro de *Firenze*.

Este sarcofago foi colocado no Presbyterio da Capela-mór, dentro de um arco ao lado da Epistola.

Em 1548 foi mudado o sarcofago para o lado do Evangelho.

Na parede contigua a este tumulo, numa lapide filetada d'ouro com o brazão dos Pereiras em relevo, lia-se a seguinte inscrição:

AQUI JAZ A MUÍ HONRADA E VIRTUOSA
DONA EIRIA GONÇALVES, MADRE DO SANTO CONDE,
QUE MANDOU FAZER FESTE MOSTEIRO.

Tudo isto foi desfeito pelo destruidor terramoto de 1 de novembro de 1755, a que se seguiu um incendio que completou a destruição.

Encontrados os restos de D. Nuno por entre os fragmentos do sumptuoso sarcofago, foram depositados dentro dum novo tumulo de madeira, copia fiel do primeiro.

Foi este novo tumulto colocado na Capela-mór ao lado do Evangelho da nova Igreja feita entre a portaria regular do convento e a portaria do carro.

El-Rei D. José I mandou colocar na frente deste tumulto uma lampada de prata.

O decreto de 28 de maio de 1834 deu por extinctos os conventos em Portugal, sendo a Igreja do Carmo que estava em reconstrução, votada ao abandono.

Por este motivo foi o tumulto de madeira referido, contendo os restos de D. Nuno, trasladado para a Igreja de S. Vicente de Fóra, no dia 14 de maio de 1836.

O abade de Castro, no seu artigo «O tumulto» acompanhado do desenho do sarcófago e publicado em outubro de 1866 no Boletim n.º 6 do *Arquivo de Architectura Civil* já referido, cita esta data de 14 de maio de 1836 como sendo a da trasladação para S. Vicente de Fóra.

O Sr. Rocha Dias, no seu artigo «Trasladação dos restos mortaes do Santo Condestavel para a Igreja de S. Vicente» publicado a paginas 33 e 34 do Tomo IX do Boletim da Associação dos Arqueologos, cita a pagina 630 do *Diario do Govérno* n.º 117 de 18 de maio de 1836 em que se lê:

—«No mez de março ultimo se concluiu a seguinte obra que vae indicada com a sua respectiva importancia:

Trasladação do Tumulo do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira da Igreja do extincto convento do Carmo para o de S. Vicente...41.063 reis.

Intendencia das Obras Publicas, 7 de maio de 1836, Braamcamp.—

A paginas 13 do Boletim n.º 11 da 4.ª serie, Tomo IX, vem com o titulo: «Estatua e sarcófago de D. Nuno Alvares Pereira», o seguinte:—Ministerio do Reino—Direcção Geral da Administração Politica.—2.ª Repartição—L.º 23 n.º 372. Sua Magestade El-Rei, atendendo ao que em seu requerimento lhe representou a Associação dos Arquitectos Portuguezes, estabelecida na antiga Igreja do Carmo desta cidade, pedindo que lhe seja entregue, com o fim de ser depositada no seu museu archeologico, a estatua de madeira do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, atualmente guardada em uma capela do claustro da Igreja de S. Vicente de Fóra; Ha por bem, conformando-se com a informação do Vigario Geral interino encarregado do Governo do Patriarcado de Lisboa, na ausencia do Cardeal Patriarca, conceder á referida

Associação não só a estatua que solicita como também uma urna em fôrma de sarcófago que existe no sobredito local, devendo a pessoa pela mesma Associação encarregada da receção destes dois valiosos monumentos, apresentar nesse acto o competente recibo passado em devida fôrma.

O que assim se participa, pela Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, à Associação dos Arquitectos Portuguezes, para sua intelligencia e efeitos devidos. Paço da Ajuda em 29 de Julho de 1865. — Julio Gomes da Silva Sanches.» —

Voltou pois o sarcófago para a ex-Igreja do Carmo transformada em Museu Arqueologico, ficando os restos do Condestável depositados juntamente com os de sua mãe, Eiria Gonçalves do Carvalho, na capela, no claustro de S. Vicente, onde estão os tumulos dos Meninos de Palhavã, filhos de D. João V, principes D. Antonio e D. José.

Num dos topos do referido tumulo de madeira está a seguinte inscrição :

ESTE TUMULO DE MADEIRA
É FAC SIMILE DO DE
ALABASTRO, FEITO EM FLORENÇA NO ANNO DE 1531
QUE FOI
DESTRUÍDO PELO TERRAMOTO DE 1755
POR MANDADO E EXPENSAS
DA
SNR.^a D. JOANNA DUQUEZA DE BORGONHA
4.^a NETA
DE D. NUNO ALVARES PEREIRA
2.^o CONDESTAVEL DE PORTUGAL
MULHER DE FILIPE (O DAS MÃOS BRANCAS)
DUQUE D'AQUELLES ESTADOS
ONDE JAZIA O REFERIDO CONDESTAVEL NO REAL
MOSTEIRO DE S. VICENTE DE FÓRA
ATÉ Á PORTARIA DO
MINISTERIO DO REINO 29 DE JULHO DE 1865
EM QUE O MANDOU ENTREGAR
À ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITETOS CIVIS PORTUGUEZES
PARA
O MUSEU DE ARCHEOLOGIA NO
EDIFICIO GOTICO DO LARGO DO CARMO.
QUE FOI DEPOIS RAINHA D'ARAGÃO

Brazão n.º 44 — Escudo das armas talvez dos Seromenhos. Tem paquife e elmo a tres quartos com uma pluma.

Deu entrada no museu em 5 de Setembro de 1898, vindo de Alemquer e oferecido pelo Sr. Rosendo Carvalheira.

Brazão n.º 45 — Escudo das armas dos Pereiras existente no fecho do arco da capela mór da ex-Igreja do Carmo que está acompanhado pelos escudos já referidos sob os n.ºs 9 e 23.

Brazão n.º 46 — Escudo das armas da Familia Almeida, tendo o paquife igual ao do brazão n.º 62.

No Boletim de 1908 foi, pelo socio sr. Manuel José da Cunha Brandão, publicado um trabalho intitulado «As ruínas do Carmo» em que descreve a Igreja do Carmo antes do terramoto de 1755. Da descrição da Capela de S. Roque que existiu na mesma igreja, transcrevo o seguinte :

— «Proximo a esta capela, mas na face interna da frontaria, existia um grande mausoleu de pedrarias brunidas e de varias côres, assente sobre dois leões. No remate dos pilares do arco, dois braços de arras. A' direita, o dos Almeidas, á esquerda, o dos Castros.

Na face anterior do mausoleu havia o seguinte letreiro :

D. MICHAEL D'ALMEIDA, COMES ABRANTINUS, VÉRE PATRIÆ PATER, CERTÉ FILIUS LUSITANIÆ, PRO CUJOS ACCLÂMATA LIBERTATE ANNO 1640, PRIMUS GIADIUM EDUXIT: IN REGIS POSTEA ALPHONSI SEXTI INAUGURATIONE AD SCEPTUM BÈNE AUGURATUS PRO EO VICEM TENUIT: REGINÆ (ECONOMUS MAIOR, ÆTATE GRANDIS, MERITIS GRANDIOR, OBIT DIE 28 NOVEMBRIS ANNO 1656. D. VASCUS DA GAMA, MARCHIO DE NIZA, AVUNCULO SUO AMANTISSIMO HOC MONUMENTUM P. A. & O. E.

Este escudo, assim como o n.º 62, foram encontrados no entulho que foi removido da Igreja do Carmo.

Brazão n.º 47 — Escudo das armas da Familia Castelo Branco. Faz parte duma lapide a que se refere o Relatorio da Gerencia do Conselho Facultativo em 1905, nos seguintes termos :

— Pelo Ministerio da Guerra foram oferecidas á nossa Associação e postas á porta deste edificio duas lapides sepulcrais com brazão. Estas lapides do seculo XVI vieram da Igreja do Convento de Chelas e pertenciam a sepulturas de duas Priorezas daquele mosteiro. —

Esta lapide tem por cima do braço a seguinte inscrição :

AQ.¹ JÁZ . DÓNA BRIATIS . DE CAS
 TEL BRANCO . PRIORESA . Q FOY DES
 TE . MUSTEIRO . DA CHELAS . Q SE FY
 NOU NA ERA DE MIL Q'NHETOS
 XXI

A outra lapide da mesma procedencia e que tem braço identico vai indicada sob o n.º 5o.

Braço n.º 48 — Escudo das armas dos Pereiras, aberto em cada uma das humbreiras interiores da porta principal da Igreja do Carmo.

Igualmente se encontra na humbreira esquerda da porta lateral do cruzeiro da igreja.

Braço n.º 49 — Escudo das armas dos Castros, com paquife. Entrou no museu em 25 de Outubro de 1902.

Na sessão da Assembleia Geral de 27 de Outubro de 1902 foi comunicado que : — Do Sr. Joaquim da Silva Leitão recebeu-se um braço do Marquez de Cascais que estava numa propriedade do oferente e que remonta a 1598.

No Relatorio da Gerencia do Conselho Facultativo em 1902, encontrei : — Um braço de armas do Marquez de Cascaes com a data de 1588 (sic) (oferecido) pelo Sr. Joaquim da Silva Leitão.

Nos arabescos da base do escudo, tem a seguinte inscrição :

PINTVS 1598 FACIEBAT

Por esta data se vê que este braço não foi mandado fazer pelo 1.º Marquez de Cascais e 6.º Conde de Monsanto, D. Alvaro Pires de Castro que faleceu em Ançã em 11 de Julho de 1674. Entre outros cargos, era : Fronteiro-mór, Coudel-mór, Couteiro-mór, Alcaide-mór de Lisboa, Senhor das Vilas de Cascais, Lourinhã, Ançã, S. Lourenço do Bairro, Monsanto e Castelo Mendo.

Era filho do 5.º Conde de Monsanto D. Luiz de Castro, Presidente do Paço e Conselheiro de Estado e sucedeu em 1604 á grande casa de Monsanto, falecendo em 1612 e tendo desempenhado os cargos que o filho acima desempenhou.

D. Luiz de Castro era filho do 4.º Conde de Monsanto D. An-

tonio de Castro que com sua mulher, D. Inez Pimentel, fundaram o convento de Nossa Senhora da Piedade em Cascaes em 1594.

Devia ser, portanto, o 4.º Conde de Monsanto que mandou fazer o escudo acima referido, em face das datas.

Brazão n.º 50 — Escudo d'armas que pode pertencer a varias familias, mas que provavelmente é dos Castelos Brancos, visto que tem a mesma procedencia que o apresentado sob n.º 47.

Por cima do escudo tem a seguinte inscriçao:

AQ.¹ JAZ. DÔNA. MIJCIA PIREIRA
PRIOREZA. Q FOY DESTE MUSTEIRO
DA CHELAS. FALECEO NA. ERA DE
MIL Q'NHENTOS. TRINTA NOUE.

No Relatorio da gerencia do Conselho Facultativo em 1905, encontrei a seguinte referencia. — Pelo Ministerio da Guerra foram oferecidas á nossa associaçao e postas á porta deste edificio duas lapides sepulchrais com brazão. Estas lapides do seculo xvi vieram da igreja do convento de Chelas e pertenceram a sepulturas de duas priorezas d'aquelle mosteiro. —

Brazão n.º 51 — Escudo existente num fragmento duma campaa, muito gasta e deteriorada. Só existe um terço do escudo e em volta os seguintes restos duma inscriçao:

E SVA. SEPV...

Brazão n.º 52 — Escudo das armas da Familia Pimentel. Tem elmo de frente e paquife.

Brazão n.º 53 — Brazão com paquife, que existe numa lapide com a seguinte inscriçao:

SA DO SARG.^{TO} MAIOR AN^{TO}
CORREIA DANIRADA. FIDAL
GO CAVALEIRO PORFESO
NA ORDE X P^O DA CASA DE
S. E DE SVA MOLHER AN^{TA}
DE MADVREIRA PITA NAT
VRAIS DA CIDADE DE TA.^O GER
E DE SEVS ERDEIROS

Por baixo, num tipo de letra muito mais moderna, está o seguinte :

ESTA CAMPA VEIO DA IGREJA DA SR.^a DA GLORIA
DE LAGOS E FOI MANDADA RENOVAR POR SEU
QUARTO NETO O BARÃO DA CAPELINHA

Manuel Joaquim Tavares Paes de Sousa e Andrade, 1.^o Barão e 1.^o Visconde da Capelinha, nasceu em 9 de abril de 1799 e faleceu em Tavira a 23 de setembro de 1873. Era Fidalgo Cavaleiro por alvará de 23 novembro de 1855, do Conselho de D. Maria II, Comendador da Ordem de Christo, 7.^o administrador dos Morgados da Quinta da Capelinha, Valongo e de Val de Moutinha, em Alvalade.

Foi Capitão de infantaria em Africa, antigo Capitão-Mór das ordenanças de Tavira e Coronel do Batalhão Nacional de Caçadores da mesma cidade.

Era fidalgo de Cota de Armas por carta de braço passada a 16 de Janeiro de 1828 e registada a folhas 214 verso do livro VIII do Cartorio da Nobreza.

O braço que lhe foi concedido foi o dos Tavares, tendo por timbre, meio cavalo selado de côr sanguinha, com freio de ouro.

O título de Barão foi-lhe concedido por decreto de 20 de Outubro de 1852, registado no livro das Mercês de D. Maria II.

O título de Visconde foi-lhe concedido por decreto de 22 de Setembro de 1870, registado no livro das Mercês de D. Luiz I.

O Visconde da Capelinha deixou um filho Pedro Joaquim Tavares Pais de Souza e Andrade, legitimado por alvará de 31 de Outubro de 1855 e que nasceu em 29 de Outubro de 1845. Pedro Joaquim Tavares Pais de Souza e Andrade era Fidalgo Cavaleiro por alvará de 3 de Dezembro de 1855 e Bacharel formado em direito. Casou em 1870 com a Condessa do Prado de Selva, D. Maria Tereza Emilia de Almada Quadros Souza Lencastre da Fonseca Saldanha e Albuquerque que nasceu a 14 de Julho de 1852 e morreu em Tavira a 22 de Outubro de 1875. 1.^a filha do Par do Reino Francisco de Almada Quadros Souza e Lencastre, 2.^o Conde e 2.^o Barão de Tavadere, e de sua mulher D. Eugenia de Saldanha Oliveira e Daun, Dama de Honor da Rainha, da Ordem das Damas Nobres de Maria Luiza de Espanha, e da Ordem de S. Carlos do Mexico, filha do primeiro Du-

que, Marquez e Conde de Saldanha. Esta senhora, depois de viuva, casou com o 2.º Conde de Farrobo.

Do casamento de Pedro Joaquim Tavares Pais de Souza e Andrade com a Condessa do Prado da Selva nasceram duas filhas: D. Maria da Salete em 1872 e D. Eugenia Maria em 1873.

O Visconde da Capelinha era filho de Pedro Manuel Tavares Pais de Souza, natural de Messejana, Cavaleiro Fidalgo por alvará de 24 de Abril de 1829 e portaria da Mordomia-mór de 5 de Novembro de 1828. Capitão-mór de ordenanças da cidade de Tavira, administrador entre outros dos morgados da Capelinha e do Val de Moutinha em Alvalade, e de sua mulher e prima direita D. Caterina Placida de Mendonça Lacerda, Morgada da Capelinha e filha de Lourenço de Mendonça do Vale, Morgado de Montalegre e Gomeira e de sua mulher D. Isabel Francisca Xavier de Madureira, Morgada da Capelinha, filha de Manuel Pais de Souza, Senhor do referido morgado e de sua mulher D. Antonia de Madureira Pita, filha de Antonio Correia de Andrade a que se refere a lapide acima.

Brazão n.º 54 — Escudo das armas dos Cortereais. Tem elmo a tres quartos e paquife.

Brazão n.º 55 — Escudo de armas com elmo de frente e paquife. Conhece-se que teve timbre.

Deu entrada no Museu em 23 de Agosto de 1900 vindo de Montelavar por diligencia do Sr. Rosendo Carvalheira.

No Relatorio do Conselho Facultativo em 1900, vem referencia ao oferecimento deste brazão, sem, porém, dar qualquer esclarecimento de origem.

Brazão n.º 56 — Escudo das armas dos Lemos e Montarroios.

Existe esta campa neste museu desde os primeiros tempos da sua fundação, pois que aparece na fotografia já citada que vem junta ao Boletim n.º 7 do Arquivo de Arquitetura Civil publicado em 1866.

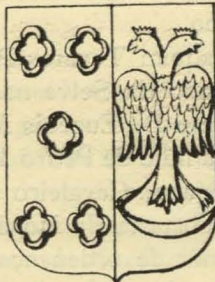
Nessa fotografia, por cima da lapide, ve-se um letreiro de que só se lê metade, pois que uma sombra qualquer a cortou ao alto, ficando a outra metade perfeitamente negra sem se poder ler o que contém.

Na parte legível vê-se — «Brazão da Familia M...» oferecido pelo socio Ex.^{mo}...

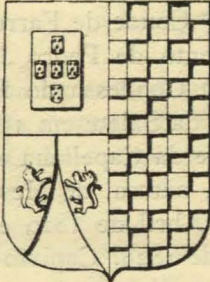
55



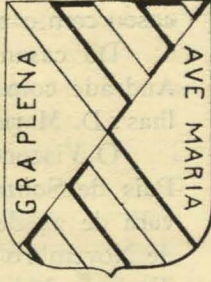
56



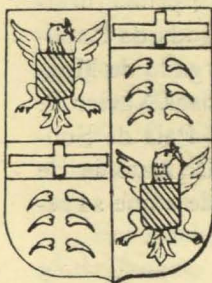
57



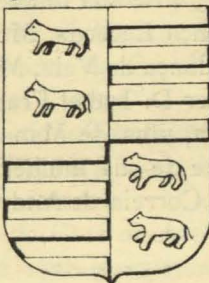
58



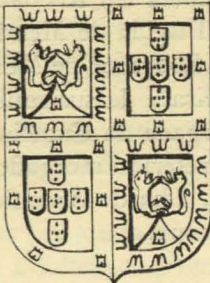
59



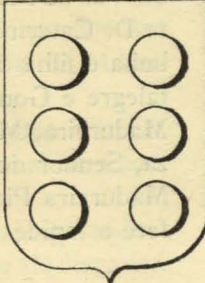
60



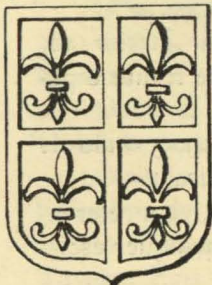
61



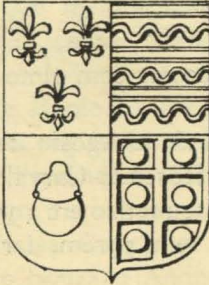
62



63



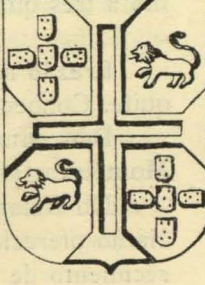
64



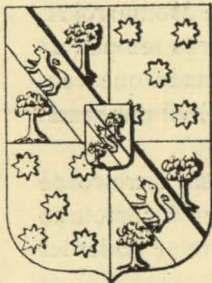
65



66



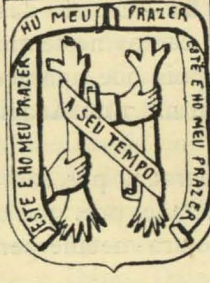
67



68



69



70



Ora no Boletim n.º 4 da 1.ª serie publicado em abril de 1866, do Arquivo de Arquitetura Civil, vem: — ofereceu o Ex.^{mo} Socio, o Sr. Conde de Penafiel, para o Museu Arqueologico, uma campã com escudo d'armas, pertencente á illustre familia dos Montaroyos. Parece que este brazão fôra em outro tempo divisa de um Cavaleiro que privara com El-Rei D. João I. E' o Ex.^{mo} Conde de Penafiel um socio que muito presa a arqueologia; é um português que tem alta veneração pelas nossas antiguidades. —

Em volta da campã ha letras goticas, umas muito gastas e outras cortadas. Das muito gastas e depois dum aturado exame, consegui descobrir o seguinte:

ESTA S^A HE DE...^{RO} ...NES DE LEMOS

que talvez queira dizer: Pedro Eannes de Lemos.

No catalogo sob o n.º 2310 está a seguinte referencia: — Grande Campã de Marmore branco de Italia com o bellissimo brazão de Pedro Ennes, descoberto no terreno onde se construiu o Palacio do Marquez de Penafiel ás Pedras Negras; oferecido por S. Ex.^a a esta Real Associação.

Brazão n.º 57 — Escudo d'armas alguma coisa deteriorado, pois que lhe faltam peças que eram embutidas. E em forma de lisonja, tem as armas de Portugal, dos Henriques e dos Sás, Peixotos ou Alcofurados. No Catalogo tem o n.º 2319 e a seguinte referencia: — Escudo de marmore sustentado pelas mãos dum genio, brazão da familia a que se refere o n.º 2316 — que diz: — Medalhão de marmore de Carrara com duas cabeças de mãe e filha duma familia nobre de Portugal, ambas falecidas no mesmo dia. —

Já fazia parte do museu em 1866, como se vê na fotografia já referida, publicada no n.º 7 do Boletim do Arquivo de Arquitetura Civil.

No referido medalhão que é um primor de escultura, está um B junto a um coração atravessado por um punhal.

No Catalogo vem indicação de que o n.º 2316 foi depositado pelo Sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, e o n.º 2319, por seu filho o Sr. Ernesto da Silva.

Brazão n.º 58 — Escudo d'armas dos Mendonças. Está partido.

Brazão n.º 59 — Escudo d'armas, esquartelado dos Corrêas de Aguiar e Cortereaes, com elmo a tres quartos e paquife. Está numa camp'a já bastante gasta.

Por baixo do braço tem uma inscrição de que consegui ler o seguinte :

S DE FERNAM LOPEZ CO
REA E DE SVA MOLHER
FRANCISQA DE MIRANDA
E ERDE Q...

No Relatorio da Gerencia do Conselho Facultativo em 1905, vem : — O Digno Par do Reino e erudito escritor o Sr. Anselmo Braamcamp Freire teve a amabilidade de dar para o nosso museu uma camp'a com inscrição e braço d'armas. Esta loisa era pertencente á sepultura de Fernão Lopes Correa, Guarda Roup'a d'El-Rei D. Manuel. —

Brazão n.º 60 — Escudo d'armas esquartelado dos Vilas Lobos e talvez Silveiras. Tem paquife e está partido a meio.

Entrou para o Museu em 28 de janeiro de 1912, sendo oferecido pelo Sr. Antonio Bengo, encarregado duma obra na Rua da Gloria á Praça d'Alegria em cujas escavações foi encontrado.

Brazão n.º 61 — Escudos d'armas dos Noronhas como foram usadas pelos Condes dos Arcos e Marquezes d'Angeja.

Está porém invertido, pois que o primeiro e quarto é que deviam ser as armas nacionais.

No Catalogo tem o n.º 3895.

A paginas 127 do Boletim n.º 8 de 1884, série 2.^a, Tomo iv, no artigo «Cronica da nossa associação», vem : — O Sr. Costa, proprietario da oficina de canteiro á Trindade, ofereceu para o Museu dos Arquitectos e Archeologos Portuguezes um grande braço perfeitamente conservado, descoberto nos terrenos que pertenceram ao extinto convento da Trindade, por ocasião de se abrir um fundo cabouco. Muita satisfação teve a Associação em receber esta obra de escultura, e muito mais a estimou por vêr que os nossos patricios principiam a apreciar as obras de outras eras, e reconhecer a utilidade de não as destruirem. Sirva este louvavel procedimento do sr. Costa de incentivo para outros o imitarem, e os seus nomes se conservarem no catalogo do Museu Archeologico que no nosso paiz foi o primeiro. —

Brazão n.º 62 — Escudo de armas dos Castros, com paquife, que fazia parte do tumulo a que me referi quando tratei do Brazão n.º 46.

Brazão n.º 63 — Escudo de armas da Familia Atouguia.

Brazão n.º 64 — Escudo com paquife. E' esquartelado constituindo o primeiro e terceiro as armas dos Cabedos, o 2.º dos Vasconcelos e o 4.º dos Melos ou Almeidas.

Brazão n.º 65 — Escudo das armas dos Manueis repetido 9 vezes no sarcofago de El-Rei D. Fernando I, que descrevi sob o n.º 1.

Brazão n.º 66 — Escudo repetido 8 vezes no sarcofago de D. Gonçalo de Souza que no catalogo tem o n.º 2306.

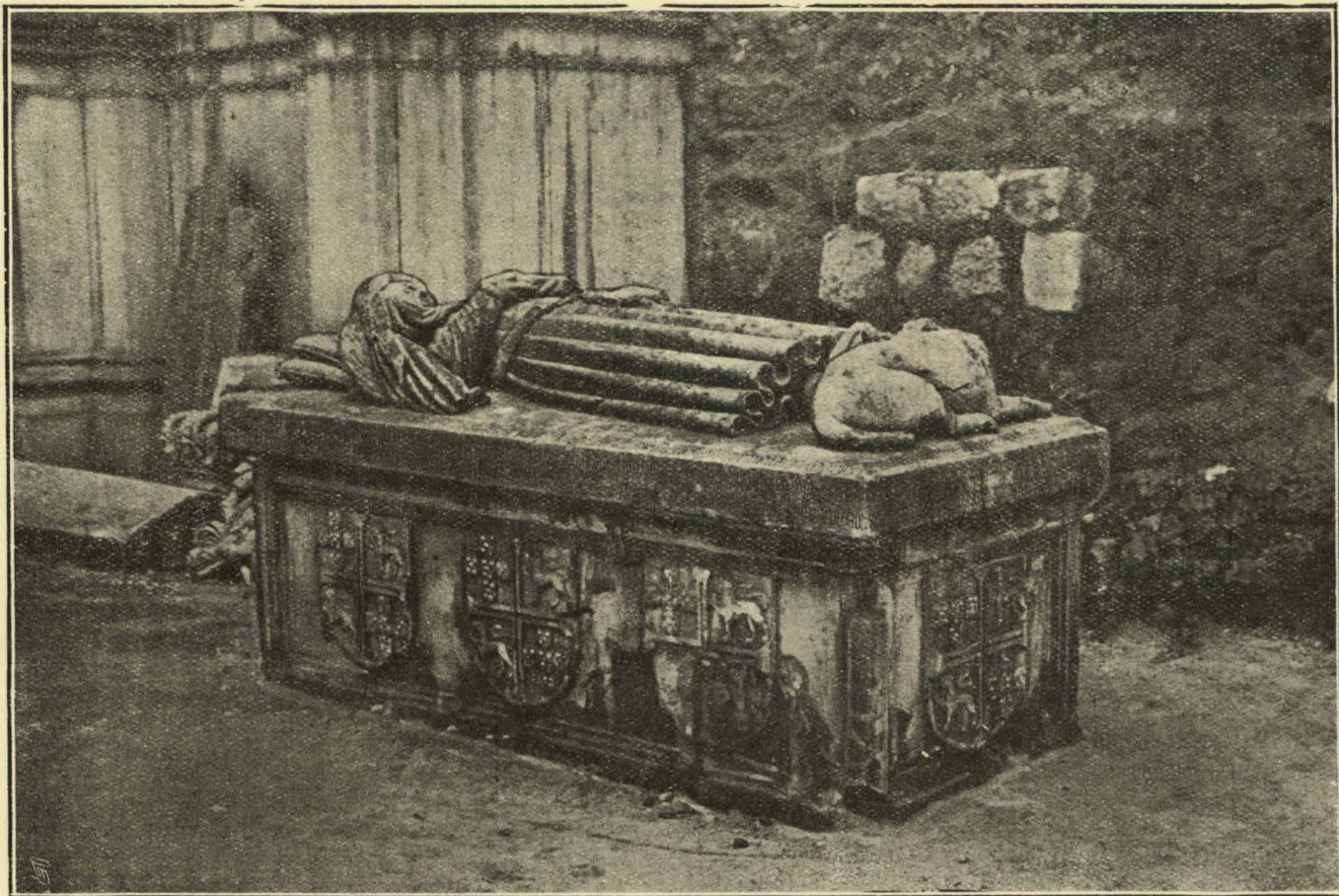
A paginas 124 do Boletim n.º 8 da série 2.^a, tomo II, referente ao ano de 1878 vem uma fotografia e um artigo assinado por J. da Silva, nos seguintes termos:

— Secção de Arqueologia. Explicação da fotografia que acompanha o presente numero do «Boletim»: —

— Representa a fotografia o illustre varão D. Gonçalo de Souza, deitado sobre a campa do seu sarcofago, com as mãos postas, tendo na cintura a bolsa de esmoler, e aos pés um galgo, simbolo de fidelidade. Um friso circumda esta campa na qual está gravado com o maior primor o epitafio que reproduzimos em seguida.

O cofre que teria encerrado os despojos mortais deste nobre cavaleiro, pois não existiam já nenhuns vestigios do finado, quando nos foi entregue aquele tumulo, tem sobre cada uma das suas duas faces longitudinais tres escudos, os quais apresentam, esquartelados, o leão dos Souzas e as quinás reais, por ser D. Gonçalo descendente de pessoa real.

Este sarcofago estava colocado no meio dum jazigo construido de alvenaria dentro do adro da igreja de Tomar, do lado norte; porém já a abobada tinha abatido e as paredes laterais haviam-se desmoronado quasi até á base, estando o tumulo cercado por ortigas, como se a Natureza quizesse ocultar á vista esta prova de vergonhoso esquecimento de tão famigerado cavaleiro, este imenso desdouro para a geração actual por desprezar assim as nossas recordações historicas!



SARCOFAGO DE D. GONÇALO DE SOUSA
(BRAZÃO N.º 66)

A leitura do epitáfio nos dá a conhecer a categoria dos altos cargos que este varão havia exercido. Tendo nós diligenciado colher mais cópia de noticias biograficas a seu respeito, unicamente obtivemos os seguintes apontamentos que devemos á bondade do illustrado sr. João Pedro da Costa Basto, official maior da Torre do Tombo. Da sua obsequiosa carta transcrevemos estas importantes informações:

«Na falta de noticias originaes, recorri á *Historia Genealogica*, e do tomo XII, parte 2.^a (tanto no texto como nas taboas 29 e 30) extrai o seguinte:

«Gonçalo de Souza — Comm.^{or} mór da Ordem de Christo f.^o de Gonçalo Annes de S.^{za} — 3.^o senhor de Mortagua — neto de Martim Aff.^o de S.^{za} Chichorro — 2.^o s.^{or} «bisneto de Martim Affonso de Souza — 3.^o neto de Martim Affonso Chichorro, filho natural de D. Affonso 3.^o»

«Diz o A. da Hist. Geneal, que tanto Gouçalo de Souza como seu pae, Gonçalo Annes de Souza, eram bastardos, e aponta a legitimação seguinte, que encontrei por extracção a fol. 174 v. do liv. 2.^o da chancelaria de D. João I.»

«Outra legitimação ouve Gonçall eanes de Sousa filho de martim afonso de sousa e de dona maria de briteiros, seendo ambos parentes e casados de facto em braga VI dias de novembro de 1438 annos (corresponde ao anno de Christo de 1400).»

«N. B. — A palavra *Briteiros* está escripta por outra letra, tendo sido raspado o pergaminho nesse lugar.

«Encontrei tambem numa coleção de titulos genealogicos, que tem por titulo *Nobiliarquia de Portocarreiro*, uma pequena noticia dizendo que Gonçalo de Sousa vivera em *Alviobeira*, termo de Thomar, onde tinha uma commenda.

«Se não se encontrar noticia de Gonçalo de Sousa ter sido aio do infante D. Henrique e esmoler de D. Affonso v, a inscrição do sarcophago fica tendo *um grande valor historico*, por ser a unica prova de ele ter exercido estas funções.»

A inscrição que está gravada em caracteres alemães goticos em tres linhas, á roda do friso que separa a campa do tumulo, é muito curiosa, e posto que lhe faltem algumas palavras por estar quebrada em parte a pedra, leu-a assim o sr. Gomes Goes:

.....O DO NASCIMENTO DE NOSSO SENHOR JESU-CHRISTO DE 1469
 EDIFICOU E MANDOU FAZER ESTA CAPELLA E CASAS COM TODO O SEU CIR-
 CUITO O HONRADO CAVALLEIRO D. FR. GONÇALO DE SOUSA COMMENDA-
 DOR-MÓR DA CAVALLARIA DA ORDEM DE NOSSO SENHOR JESU-CHRISTO: DO
 CONSELHO DELREI D. APHONSO O V: CBIADO E FEITURA DE MENINO DO
 MUITO NOBRE E EXCELLENTE E COMPRIDO DE MUITAS VIRTUDES O INFANTE
 D. HENRIQUE, QUE FOI GOVERNADOR E MINIST..... QUE DE VIZEU E SE-
 NHOR DA COVÍLHAN, O QUE ACHOU..... TÍFICOU TODAS AS ILHAS DA
 MADEIRA E DOS AÇORES, COM TODA A COSTA DE GUINÉ ATÉ ÀS INDIAS:
 FILHO DO MUI NOBRE REI D. JOÃO I E DA RAINHA D. PHILIPPA. O QUAL
 COMMENDADOR-MÓR FOI VEDOR DA CASA E FAZENDA DO DITO INFANTE, E
 SEU CHANCELLER E ALFERES-MÓR; AS QUAES VIRTUDES QUE EM ESTE IN-
 FANTE HAVIA, ESTE COMMENDADOR-MÓR AS MANDOU AQUI ESCRIVER, E
 SÃO ESTAS..... DOU NENHUMA COUSA AO DEMO, E QUANDO LHE FAZIA
 DESPRAZER TUDO DAVA A DEUS; NEM DIZIA MAL DE NENHUM, NEM CUBI-
 ÇAVA A NENHUM MAL: NEM BEBIA VINHO; NUNCA JUROU POR DEUS, NEM
 POR SANTOS..... DAS QUARESMAS E FESTAS DE JESU-CHRISTO E DE
 SANTA MARIA, E APOSTOLOS E OUTROS SANTOS MUITOS MUITO JEJUAVA,
 E PELA MAIOR PARTE A PÃO EM AGUA; ERA MUITO CATHOLICO, E CUMPRIA
 EM TUDO O OFFICIO DA EGRAJA; FOI MUITO OBEDIENTE A SEU PAE E MÃE
 E A SEU REI E A TODO.....»

Eis, portanto, mais um objecto de subido valor archeologico que possui o museu do Carmo; á Associação dos Architectos Portuguezes se deve a conservação deste notavel sarcophago.—

Brazão n.º 67 — Escudo d'armas esquartelado dos Pinas ou Carreiras e dos Monizes, encontrado dentro duma parede da casa da Quinta dos Passarinhos á Fonte do Louro no Vale de Chelas.

Esta quinta pertencia á Família Moniz.

No catalogo tem o n.º 3893 dizendo que é dos Coufinhos.

A paginas 175 do Boletim n.º 11 referente a 1888, série 2.ª do tomo v, no artigo «Cronica» vem o seguinte: — O nosso digno socio-monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, ofereceu mais outro objecto antigo, um brazão da nobre familia dos Coutinhos (sic) que foi encontrado entre a alvenaria da parede de uma casa sita na Quinta dos Passarinhos á Fonte do Louro no Vale de Chelas; apresenta a notavel particularidade de ter esculpido um bonito ornato arabesco que se póde supôr seja do tempo da dominação arabe, o qual foi mutilado a fim de se aproveitar a pedra para o brazão. Este interesse que o nosso socio tem em concorrer para

o engrandecimento do museu, prova também quanto presa as antiguidades do nosso paiz. —

Brazão n.º 68 — Escudo amparado por dois meninos. No Catalogo tem o n.º 3885 com a indicação de que foi — Oferecido pelo sr. Dr. Barbosa Amorim, de Santarem, ao Sr. Possidonio da Silva. —

Nas fachtas dos lados tem a seguinte inscrição:

ESTE E HO MEU
MÉU PRAZER

Na facha do centro tem:

A SEU TEMPO

Brazão n.º 69 — Escudo sem paquife parecido com o que apresento sob n.º 68.

Nas fachtas dos lados tem a seguinte inscrição:

ESTE E HO MEU PRAZER
HU MEU PRAZER
ESTE É HO MEU PRAZER

Na facha do centro tem:

A SEU TEMPO

Brazão n.º 70 — Escudo das armas da cidade de Lisboa.

Entrou no museu em 11 de Março de 1902 vindo do Armazem de Ver o Pezo á Ribeira Velha, cujo edificio foi demolido, vindo para este museu por diligencia do socio Sr. Liberato Teles.

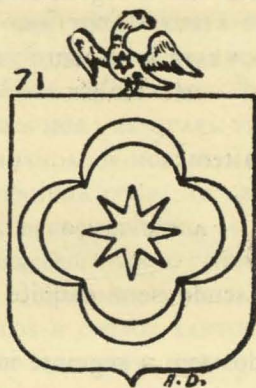
No relatorio da gerencia do Conselho Facultativo em 1902, vem o seguinte: — O nosso socio, de saudosa memoria, o Sr. Liberato Teles ofereceu nos ultimos dias da sua vida prestimosa e activa, um brazão d'armas. —

Brazão n.º 71 — Escudo d'armas dos Carvalhos.

Quando já tinha terminado os croquis dos 70 brazões anteriores e na ocasião em que preparavam a sala das sessões da Associação dos Arqueologos para a sessão solene do 50.º anniversa-

sario da sua fundação, ao ser deslocado um quadro de azulejo foi encontrado na parede o escudo dos Carvalhos.

Foi ali posto quando reconstruíram a capela-mór, o que se prova pela sua posição; está colocado com o timbre para baixo e nalgum ponto mais saliente foi picado para ficar alinhado com o resto da parede talvez para ser rebocada.



E' natural portanto que este escudo tivesse pertencido a algum tumulo ou capela desta igreja, que ficasse destruido pelo terremoto e que depois na tentativa de reconstrucção fosse aproveitado como o foram outros muitos fragmentos que se veem pelas paredes.

Com o apelido Carvalho, existiu nas naves da Igreja do Carmo, junto ao primeiro confessionario, do lado direito, uma inscrição nos seguintes termos:

SEPULTVRA PERPETUA DE JOÃO GONÇALVES CARVALHO

HOMEM NOBRE E MOEDEIRO DO NUMERO

DA CASA DA MOEDA DE EL-REI NOSSO SENHOR

E DÉ SEUS HERDEIROS

E TEM OBRIGAÇÃO DÉ CAPELLA: É DE SUA MULHER

IZABEL ROIZ

A QUAL FALLECEU EM 10 DE MARÇO DE 1629

E TEM MISSA QUOTIDIANA.

Haverá relação entre esta inscrição e aquele escudo? Aqui ficam as duas referencias para estudo.

E' muito natural que haja erros em algumas das origens que attribuo aos exemplares acima descritos, o que não admira pela falta de identificação da maioria dos objectos expostos no museu do Carmo.

Percorrendo o arquivo, algumas referencias encontrei tão claras que duvida alguma pôde existir sobre os brazões a que se referem.

Ha porém alguns apontamentos que sem justificarem a sua existencia estão errados e estabelecem muito mais confusão do que se não existissem. Muitos exemplos poderia citar sobre este facto para comprovar o que digo, referindo-me porém a um, por a sso me vêr obrigado, pois que já estava impressa a referencia errada ao Brazão n.º 39 a paginas 179, quando descobri a verdadeira origem.

Duvidando eu um pouco da origem que no museu davam a este escudo, fui dizendo na sua altura que — Ha tradição de que esta campa foi encontrada no Mosteiro do Carmo e que veio para este Museu em 1895, oferecida pelo General Queiroz, quando Commandante das Guardas Municipaes. —

Eu digo que duvidei, porque para organizar esse trabalho, li tudo quanto conhecia sobre o Convento do Carmo para ficar conhecendo todos os brazões e inscrições que ali existiram e não encontrei o nome Henrique Coeler nem nada que se parecesse, entre as pessoas ali sepultadas.

No arquivo da Associação dos Arqueologos existem umas pastas com uma grande quantidade de croquis, apontamentos, primorosos desenhos e muitas referencias que pertenceram ao socio José Valentim de Freitas, distinto iluminador e que tomou a seu cargo croquisar e tomar apontamentos de todas as Igrejas que eram modificadas ou demolidas em Lisboa; são estes croquis e estudos que existem no referido arquivo.

Nessa preciosa colecção existem apontamentos sobre umas modificações feitas na Igreja de Nossa Senhora dos Anjos de S. Francisco da Cidade e lá está um croquis do brazão e inscrição a que me refiro sob o n.º 39.

Portanto assim fica retificado que a lapide de Henrique Coeler veio da referida Igreja dos Anjos e não do Convento do Carmo.

Acabo tambem de saber da existencia de um Henrique Cuelar que evidentemente é o mesmo e que formando-se em medicina na Universidade de Paris, foi a convite de D. João III um dos

primeiros mestres da Universidade de Coimbra depois da reforma realisada no tempo daquelle monarcha.

Henrique Cueller tomou posse da cadeira de prima em 2 de Maio de 1543 e no mesmo anno imprimiu em Coimbra uma obra sua intitulada: *Commentaria in Prognostica Hypocratis cum Commentariis Galeni*.

Na busca que fiz no arquivo da Associação encontrei varias referencias que não consegui identificar.

Foram ellas as seguintes :

A paginas 19 do Boletim n.º 2 referente a 1883, da série 2.ª, tomo iv, vem publicada a «Synopse dos trabalhos da Associação» na qual se diz : — entrou no museu, um brazão esculpido em pedra, do nosso socio Sr. João Antonio Pinto. —

Tambem encontrei referencia que o Sr. Possidonio da Silva tinha comprado — um belo brazão de marmore branco, tendo por emblema um leão sobre um capacete, trabalho feito com esmero. Este brazão é procedente de Alemquer.

A paginas 64 do Boletim n.º 4 da série 2.ª referente a 1883, tomo iv, no artigo «Chronica da nossa Associação» vem o seguinte : — O director do Real Conservatorio de Lisboa, sr. Luiz Augusto Palmeirim, enviou para o museu um brazão e um medalhão com busto em marmore, do extinto Convento dos Caetanos. Foi agradecido e louvado o empenho que S. Ex.ª manifesta na conservação dos objectos de Belas Artes. —

Resa a tradição no Museu que este escudo e medalhão são os que apresento sob o n.º 57, mas é um puro engano, pois que foi em 1883 que aqueles objectos vieram do Conservatorio oferecidos pelo sr. Luiz Augusto Palmeirim e o brazão que aponto sob o n.º 57 já existia no museu em 1866 como em sua altura demonstro e mesmo no catalogo com os n.ºs 2316 e 2319 está bem claro que foram oferecidos pelo sr. J. Possidonio Narciso da Silva e por seu filho o Sr. Ernesto da Silva.

A paginas 143 do Boletim n.º 9 de 1887, série 2.ª Tomo v, no artigo «Chronica da Nossa Associação», vem : — Alcançou o nosso presidente, do acreditado commerciante o sr. Pillaud, esta-

belecido na Ribeira Velha, e proprietario de parte da antiga muralha da cidade, do tempo d'El-Rei D. Fernando I, um antigo brazão de marmore que estava assente nessa muralha, para o museu da nossa Associação. Esta oferta não sómente nos convince da generosidade deste honrado cidadão, mas tambem do desejo de contribuir para a conservação das antiguidades, exemplo este digno dos maiores louvores e da nossa gratidão. —

No catalogo está indicado com o n.º 3896 e a seguinte referencia: — Brazão de marmore duma porta das muralhas da cidade do tempo d'El-Rei D. Fernando I, á Ribeira Velha: oferecido pelo comerciante Sr. Pillaud, e obtido pelo Sr. Possidonio da Silva. —

No mesmo Boletim e no mesmo artigo:

— Um outro brazão português de memoravel facto historico, aquele da mudança da Universidade de Coimbra para a capital em 1431, pertencente ao edificio em Lisboa, na rua das Escolas Geraes; foi tambem obtido pelo nosso presidente para augmentar a numerosa coleção de brazões que já possui o museu do Carmo.

No catalogo tem o n.º 3894 com a seguinte referencia: — Brazão que pertenceu em Lisboa á Universidade de Coimbra, na rua das Escolas Geraes em 1431: obtido pelo Sr. Possidonio da Silva. —

A paginas 13 do Boletim n.º 1 de 1894, Tomo VII da 3.ª série, vem publicada a transcrição duma — correspondencia em que o conselheiro João Calvet de Magalhães participa que na alfandega de Lisboa de que é director, existe uma lapide tumular, pedindo para que a vão examinar para se o merecer entrar neste museu, a qual foi entregue por despacho do ministerio da fazenda, de 25 de agosto de 1893. —

No Relatorio dos Actos do Conselho Facultativo em 1901, vem: — Pelo Sr. Visconde d'Almeida Araujo, um brazão d'armas extraído do Palacio da Travessa da Queimada n.º 35, que pertenceu á Familia Zagalo. Entrou para o museu em 20 de janeiro de 1901.

Na sessão da Assembleia Geral de 30 de dezembro de 1903, leu-se um officio de Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos — ofrecendo para o nosso museu um brazão do arruinado palacio do

Covas, a Santa Clara, e enviando por deposito duas lapides com inscrição em português, relativas ao extincto hospicio do clero.—

Do Relatorio da Gerencia do Conselho Facultativo em 1903, consta que foi oferecido:—Por Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, um brazão d'armas que pertenceu ao palacio denominado do Covas, hoje em ruinas. O mesmo Monsenhor depositou no museu desta Associação, em nome da Irmandade dos Clerigos Pobres, duas lapides que estavam colocadas junto da porta da Igreja do extincto convento de Santa Martha e hospicio do clero d'esta capital.

Uma referente á posse que a mencionada Irmandade tomou daquele edificio, em virtude da carta régia datada de 13 de Janeiro de 1889.

Do Relatorio da Gerencia do Conselho Facultativo em 1905, consta que:—Por Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, foram oferecidos dois pilares e uma lapide sepulcral, encontrados numa escavação a que modernamente se procedeu no denominado Pateo dos Sargentos, sito no Campo de Santa Clara, n.º 172.

No officio que acompanhou aquella dadiva, posta no nosso Museu a expensas do nosso presado socio, explica ele, e fundamenta a razão por que deveriam ter pertencido ao Convento de Santa Clara, destruido pelo terramoto de 1755. —

Não consegui encontrar o referido officio.

No catalogo consta que sob n.º 3897, existe no Museu — um escudo real de El-Rei D. Fernando I: oferecido pelo Sr. Dr. Amora. —

No mesmo catalogo sob o n.º 3830, ha referencia a um — Brazão de armas com um epitafio pertencente á demolida Igreja de S. Francisco de Lisboa. —

Num apontamento de alguns objectos entrados no Museu encontrei referencia a um — Brazão dum predio da rua dos Bacalhoeiros em Lisboa — que deu entrada em 13 de Novembro de 1873.

Varios Brazões estão prometidos para o Museu do Carmo e que tentei vêr para me poder referir a eles, visto haver tenção de

um dia fazerem parte da colecção já existente. As referencias que encontrei a esses escudos, foram as seguintes:

Igreja dos Anjos:

Na sessão da Assembleia Geral de 6 de Março de 1907 foi lido um officio:— Do Sr. Teodoro Pinto Basto, Presidente da Camara Municipal de Lisboa, dando conhecimento de que a mesma Camara, em sessão de 14 de Fevereiro ultimo, deliberára ceder para o Museu do Carmo todos os objectos de character historico e archeologico que possam resultar da proxima demolição da Igreja dos Anjos, conforme lhe foi solicitado por esta Associação em officio n.º 517, e que não forem utilizados na nova Igreja.—

Na sessão da Assembleia Geral de 29 de Abril de 1911 — o socio Sr. Julio Ferreira, communicou estarem á disposição do Museu as campas que se encontram na demolição da antiga Igreja dos Anjos, ficando o mesmo Sr. encarregado de, officiosamente, pelo arquiteto da Camara, tratar da sua remoção para o Museu.—

Na sessão da Assembleia Geral de 31 de Janeiro de 1913, depois de lida e aprovada a acta da sessão anterior, o Sr. Presidente communicou que — por informação que lhe forneceu o arquiteto da Camara Municipal de Lisboa, e digno consocio Sr. Soares, vão em breve dar entrada no Museu as lapidés sepulcrais retiradas da demolição da antiga Igreja dos Anjos. —

Convento das Francezinhas:

Na sessão da Assembleia Geral de 31 de Maio de 1911, foi lida uma carta do General Conselheiro Sr. Adolfo Loureiro, lembrando o officio que deve fazer-se para o Director das Obras Publicas, pedindo os objectos do Convento das Francezinhas que possam passar para o nosso Museu.

Na sessão da Assembleia Geral de 27 de Julho de 1911, foi resolvido pedir-se ao Ministro do Interior, entre outras coisas, o seguinte: — Que quaisquer peças de valor archeologico ou artistico do antigo Convento das Francezinhas, em demolição, que porventura não sejam encorporadas no Museu Nacional de Arte Antiga ou no Museu Etnologico, sejam concedidas a esta Asso-

ciação para o seu Museu, taes são, por exemplo, epitafios, bra-
zões, azulejos antigos, etc. —

Em seguida, por proposta do Sr. Adães Bermudes, foi nomeada — uma comissão composta dos Srs. Mena Junior, O'Sulivand e Santos Ferreira, para visitarem o Convento das Francezinhas a fim de mencionarem o que fôr digno de figurar no nosso Museu.

Na sessão da Assembleia Geral de 29 de Abril de 1912, o Sr. Mena Junior comunicou ter ido — com os Srs. O'Sulivand e Nogueira de Brito, ao extinto Convento das Francezinhas, a fim de escolherem o que de lá pudesse vir para o nosso Museu. Na sua visita minuciosa escolheram: os azulejos que estão sobre o arco do Cruzeiro, dois braços da fundadora, duas cancelas de ferro (seculo XVIII), um lavabo que está na sacristia (em estilo classico) e a campa do almirante Pedro de Souza Maris Sarmento (1822). —

Convento do Salvador:

Na sessão da Assembleia Geral de 30 de Dezembro de 1912, foi lido um officio do Sr. J. J. d'Ascensão Valdez — pedindo a acção desta Associação para que venham para o Museu as lapides tumulares do extinto Convento do Salvador, de Lisboa, entre as quaes está a do fundador, o 2.º Arcebispo de Lisboa, D. João Esteves d'Azambuja. —

Fui á Igreja dos Anjos e nada lá existe para vir para o Museu do Carmo, ou foram esses objectos transportados para outro sítio ou então desapareceram.

Fui ás ruínas da Igreja do Convento das Francezinhas, não podendo desenhar os croquis dos escudos por estarem arrumados com cantarias por cima e a lapide do Almirante Maris Sarmento estar sepultada debaixo de centos de carradas de entulho. Com uma expectativa destas não fui ao Convento do Salvador.

Aqui termina, pois, o que apurei das minhas investigações.

Lisboa-Novembro-1913.

AFFONSO DE DORNELLAS.

Relatorio da gerencia da Direcção em 1913

SENHORES E CONSOCIOS:

Como o facto culminante da vida associativa durante o ano de 1913 foi, evidentemente, a comemoração do meio centenario da fundação desta colectividade, pareceu-nos que só depois de encerrada essa comemoração conviria que vos apresentássemos o relatorio da nossa gerencia.

Por outra parte, a morte do nosso dedicado e saudoso consocio tesoureiro, ocorrida nos meados de janeiro, impossivel tornava a apresentação de contas no prazo normal. Nesse sentido deliberastes, sob proposta nossa, em sessão de 24 daquêlles mês. Anunciámos então que, na sessão ordinaria de março, cumpriríamos o dever de vos darmos conta da nossa gerencia e perante vós esboçarmos, em rapida sintese, a historia da vida associativa no 50.º anno da sua existencia. Succedeu, porém, contra a nossa previsão, que só em 24 de março poudeser inaugurada, prolongando-se até 10 de maio, a exposição olisiponense, que constituiu um dos numeros, e decerto o mais interessante, da aludida comemoração. E, como a entrega dos objéto expostos e a liquidação de contas referentes a esse curioso certamen absorveram ainda algumas semanas, só hoje podemos dar cumprimento ao que os nossos Estatutos preceituam, em seu artigo 44.º, n.º 8.

Justificado assim o largo adiamento da sessão administrativa ordinaria, começaremos por exarar neste relatorio o brilhantismo que atingiram, mercê de singulares dedicações, os actos de que se compôes a comemoração do nosso semicentenario.

O numero especial do *Boletim*, distintamente colaborado por muitos dos nossos consocios, acompanhado de gravuras e resguardado por uma capa expressamente desenhada pelo primoroso aguarelista Sr. Alberto de Sousa, nosso devotado consocio, é

decerto um dos mais interessantes e valiosos, na série, já longa, dessa publicação.

A sessão soléne de 26 de novembro, a que se dignaram assistir o Ex.^{mo} Sr. Presidente da Republica e, como representante do Governo, o Sr. Dr. Antonio Macieira, então Ministro dos Negocios Estrangeiros, foi notavelmente brilhante, devido á elegantissima alocução que nela proferiu o nosso ilustre presidente, Dr. Alfredo da Cunha, e ao sentido e comovente elogio dos socios falecidos — Valentim Correia, Conde de S. Januario, Joaquim José da Nova, Adolfo Loureiro e Gabriel Pereira, — cujos retratos foram então inaugurados, — trabalho do nosso vice-presidente, Sr. Rosendo Carvalheira, que soube precedê-lo de um vehemente e eloquentissimo brado em favor das tradições e monumentos, tantas vezes vilipendiados neste nosso Portugal, que, tendo uma historia tão singularmente bela e um passado tão intensamente glorioso, em tão alto grau deveria (é claro, sem se desinteressar do presente e sem descurar o futuro) defender e reverenciar os documentos materiaes que, a atestarem esse refulgente passado, a deporem a respeito dele, a perpetuarem a suggestiva lição que para nós encerra, ainda se encontram nesta linda terra em que nascemos.

A exposição organizada pela Secção de Arqueologia Lisbonense, apesar de não ser completa, porque nem o tempo, nem o espaço, nem os recursos materiaes consentiram que o fosse, constituiu um repositorio interessantissimo, cheio de imprevistas revelações, dos mais variados documentos para a reconstituição do passado da nossa capital, não só nos seus aspectos materiaes, como na vida da sua população. Felizmente, o publico soube compensar os esforços da Secção, afluindo todos os dias, em grande numero, a visitar com o mais vivo interesse a curiosa exposição, em que, pela vez primeira, podia estudar, agrupados, numerosissimos elementos de diversas indoles para o estudo da formosa cidade do Tejo nos seculos volvidos. E' justissimo acentuar, com o mais caloroso louvor, a rara dedicação com que prepararam e organizaram a exposição olisiponense os nossos consocios José Queiroz e Gustavo de Matos Sequeira, que foram tambem os coordenadores dos dois catalogos, os quaes, pela sua minucia, não teem, apenas, o valor efémero de guias para o visitante, mas ficam a documentar a brilhante tentativa e hão de ser consultados sempre com proveito, como repositorios de elementos bibliograficos e iconograficos referentes a Lisboa e como subsidio para o estudo da

ceramica lisbonense, desde o seculo xvi até ao seculo xix. Aproveitando a composição, mandámos reunir num só volume, impresso em papel de linho e com as gravuras «hors texte», esses dois catalogos, em edição limitada a cincoenta exemplares, que esperavamos poder facilmente colocar por elevado preço. A excessiva e injustificavel demora havida na entrega dessa edição, as imperfeições que apresenta e que são absolutamente inadmissiveis numa obra luxuosa e cara, e, ainda, o preço exagerado que a tipografia lhe marcou, levaram-nos a rejeitar esse trabalho, o que constituiu um incidente sobremodo desagradavel e que, mau grado nosso, não pôde, talvez, ainda, considerar-se perfeitamente encerrado.

Esperamos que, da exposição olisiponense, resulte o constituir-se, em o nosso museu, uma secção especialmente consagrada ao passado da capital. Para essa secção contamos já com algumas peças de incontestavel interesse, entre ellas uma valiosa planta que adquirimos, em condições excêcionalmente vantajosas, do nosso colega Sr. Ganhado.

E' de indeclinavel justiça frisar que muito concorreu para o brilhante exito da exposição, quer trazendo-lhe a adesão de muitos colêcionadores, quer chamando para ela a attenção do publico, a imprensa jornalística.

Se o efeito moral da exposição olisiponense foi, para a nossa colêtividade, da mais alta importancia, pela evidencia e prestigio que lhe trouxe, apreciavel foi tambem o resultado material dela, como podereis verificar pelas contas do ano corrente, que na sessão ordinaria de janeiro de 1915 vos serão presentes.

Justissimo é registrar que, sendo diminutissimo o saldo disponivel, ao preparar-se a sessão solêne de 26 de novembro, necessario se tornou fazer um apêlo à generosidade e dedicacão dos nossos consocios, que bizarramente a elle corresponderam, obtendo-se por esse modo uma receita de relativa importancia, sem a qual impossivel teria sido iniciar os trabalhos.

Com as festas do nosso semi-centenario coincidiu a realisacão de um antigo *desideratum* de todos nós: — a publicacão de uma série de bilhetes postaes, ilustrados com aspectos e peças do Museu. Devemos, em grande parte, a satisfacão desse vivo desejo ao Sr. Antonio José Martins, habilissimo fotografo amator, que executou, com verdadeira mestria, não só as fotografias que esses bilhetes reproduzem, como outras, havendo, portanto, legitimamente conquistado o titulo de *benemerito*, que, sob proposta

nossa e iniciativa da Secção de Arqueologia Lisbonense, lhe conferistes. Um dos bilhetes reproduz um fidelissimo desenho do nosso illustrado consocio Sr. Cristino da Silva.

Temos o prazer de vos anunciar que está sendo executado o cunho para a medalha-distinctivo e para a medalha-premio, em harmonia com a proposta que vos foi apresentada.

Quanto ao diploma, quis encarregar-se da sua composição e desenho, o nosso devotado consocio Sr. Alberto de Sousa, que, artista distincto como é, decerto se desempenhará brilhantemente do encargo que sobre si tomou.

Continuou a Secção de Arqueologia Lisbonense a trabalhar com invulgar assiduidade, tendo não só organizado a notavel exposição a que ha pouco nos referimos, como levado a cabo outros interessantes trabalhos. Foram notaveis, pela intensidade pouco vulgar, os esforços empregados por essa Secção para que fosse poupado o Arco de Santo André, que, embora classificado como monumento nacional, veio a ser derrubado, desaparecendo com elle uma das portas da cêrca fernandina da cidade. Outra bela iniciativa tomou ainda essa Secção, sob proposta do seu presidente, o Sr. José Queiroz: — a de se libertar a capela de S. Roque, na igreja da Misericordia, dos quadros e obras de talha que estavam ocultando, em grande parte, os seus magnificos azulejos, dos fins do seculo xvi, assinados pelo celebre ceramista portuguez Francisco de Matos. Infelizmente, do lado do Evangelho o revestimento está incompleto, tendo sido necessario repôr o quadro que ali se encontrava, por ter a Comissão de Monumentos entendido que se não deveria completar esse revestimento.

Em todo esse trabalho, dirigido pelo Sr. Queiroz e ao qual se deve o poder hoje apreciar-se mais completa e perfeitamente a notabilissima obra de Francisco de Matos, cooperaram dedicadamente com a Secção o Sr. Pereira de Miranda, zeloso Provedor da Misericordia, e os esclarecidos funcionarios superiores dessa benemerita instituição, Srs. Victor Ribeiro e João Campelo Jales.

Um dos trabalhos que muito importa levar a cabo com urgencia é, sem duvida, a remodelação e catalogação do Museu. Logo que a exposição ollisiponense terminou, conferenciámos sobre esse importantissimo assunto com os nossos distinctos consocios que teem actualmente a seu cargo o Museu, os Srs. Dr. Felix Alves Pereira, Mêna Junior e José Queiroz, estando já definido o plano a que essa remodelação deve obedecer, — plano que não poderá, como é obvio, ser executado enquanto se não tiverem

realizado as obras solicitadas e prometidas, — e tendo-se dado ás peças expostas nas cinco salas uma disposição de character provisório, mas que permitiu franqueá-las ao publico, segundo era necessario.

— Sairam do Museu, cumprindo-se assim a resolução por vós tomada em 31 de outubro de 1913, os modelos das sobreportas da sala onde funciona o Senado, do grupo que decora o arco do Terreiro do Paço e do viaducto de Andaluz, tendo sido esta peça depositada na Camara Municipal, com destino ao Museu da Cidade, e aquellas na séde do Conselho de Arte e Arqueologia da 1.ª circunscrição.

Com algumas interessantes peças foram enriquecidas as nossas collecções. Mencionaremos algumas moedas antigas e cédulas, oferecidas pelo Sr. Dr. Xavier da Costa; dois brasões, um em mosaico, outro esculpido, doados pela provedoria da Misericordia de Lisboa, e varias pedras sepulcraes provenientes do convento de Santa Joana desta cidade, que foram transferidas para o Museu por ordem do Sr. Manuel Maria Augusto da Silva Bruschy, illustre director geral da Fazenda Publica e zelosa interferencia do nosso devotado consocio, o Sr. Ascensão Valdez.

A nossa biblioteca está sendo ática e inteligentemente reorganizada e catalogada pelo Sr. Alberto de Gusmão Navarro, socio de recente data, mas cuja dedicação a esta colétividade está já largamente provada, tendo recebido apreciaveis ofertas de livros, tanto de socios como de pessoas estranhas á Associação, entre ellas o Sr. João Teles Martins, e de varias corporações. Do Ministerio da Guerra recebemos, em troca do nosso *Boletim*, a *Historia do Exercito Português*, obra do erudito academico Sr. Cris-tovam Aires.

Terminou a consolidação dos arcos da nave, do lado esquerdo, interrompendo-se logo depois as obras, em consequencia da exposição olisiponense, e não tendo ainda recommçado, por motivos de indole orçamental. Esperamos, porém, que, dentro de poucos dias, recommecem e que se não restrinjam á consolidação dos arcos da outra renque (trabalho de que poderá talvez, até, prescindir-se), abrangendo tambem as demais obras tantas vezes pedidas, entre ellas o acesso aos terraços, que, segundo parece, será estabelecido pela escada da torre, ainda praticavel em parte, como teve ensejo de o verificar o nosso colega o Sr. O'Sulivand, e de facil comunicação com o edificio, pela pequena porta ogival da ultima capela do lado esquerdo, ha muitos annos entaipada.

E' de absoluta justiça consignar neste documento que, em tudo quanto a obras se refere, teem dado frisantissimas demonstrações de benevolencia para com a nossa Associação os Srs. engenheiros Cordeiro de Sousa e Pinto Camêlo e arquiteto Leonel Gaia, havendo tambem prestado relevantissimo serviço a esta colêktividade o engenheiro Sr. Antonio Maria da Silva, que, sendo Ministro do Fomento, deu as ordens necessarias para que rapidamente se desarmassem os andaimes que tinham servido para a consolidação dos arcos, o que era condição imprescindivel para o bom exito da exposição olisiponense. Apesar de reiteradas diligencias anteriores, não tinhamos conseguido que as naves fossem desobstruidas, como era de absoluta necessidade, e, todavia, a exposição estava completamente organizada e era impossivel adiar por muito mais tempo a sua inauguração.

Ao nosso erudito e venerando consocio Sr. Visconde de Castilho fizemos entrega do manuscrito *Memorias de Carnide*, obra do pároco José Bâtista Pereira, porque, tendo falecido a unica herdeira do autor, sua irmã, entendeu S. Ex.^a que não deveria receber, em troca dêsse trabalho inedito, de que era depositario, qualquer quantia, competindo-lhe apenas dá-lo á estampa, como preito á memoria do estudioso investigador e para divulgação de interessantes noticias historicas ácêrca dessa localidade dos subúrbios de Lisboa. Declarou-nos S. Ex.^a que, para a publicação desse trabalho, se via forçado a dar preferencia ao *Instituto* de Coimbra, por conter o nosso *Boletim* mais limitado numero de paginas e dele saírem sómente quatro numeros por ano.

E, já que ao nosso *Boletim* nos referimos, aproveitemos o ensejo para declarar, em relação á proposta apresentada pelo Sr. Alberto de Gusmão Navarro em sessão de 12 de junho ultimo e sobre a qual resolvestes que nos pronunciássemos, ser nossa opinião que, constituindo essa publicação uma das mais antigas revistas scientificas portuguezas, sendo, como é, tão larga e vantajosamente conhecida no país e no estrangeiro, e estando, como inegavelmente está, de tal modo identificada com a própria Associação, que bem pôde dizer-se que esta vive do seu Museu e do seu *Boletim*, devem ser mantidos o titulo e o formato de tal publicação, deixando, contudo, ela de estar subordinada a numero fixo de paginas e de sair em determinados prazos, e passando a depender de acordo entre a Comissão Redactora e a Direcção (tendo em vista os recursos do cofre) o numero de paginas do fasciculo e a oportunidade da sua publicação.

A' Senhora D. Sofia de Sousa Viterbo entregámos, como fôra por vós deliberado, um exemplar da obra de seu pae, o nosso saudoso consocio Dr. Sousa Viterbo, *Cem artigos de jornal*, com uma bela encadernação. A illustre senhora, exemplo comovente e raro de um amor filial que o tempo não extingue, nem sequer enfraquece, mostrou-se bastante sensível a mais esta homenagem prestada á memoria do illustre arqueólogo por uma colétividade que êle tanto honrou.

Em sessão de 4 de Março proximo passado, apresentou o nosso ilustrado consocio Sr. Dr. Santos Farinha uma proposta tendente a evitar que, em consequencia da lei que separou do Estado as Igrejas, sejam demolidos ou modificados alguns templos, que, embora não reúnam os predicados necessarios para entrarem na categoria de monumentos nacionais, constituem, no entanto, apreciaveis conjuntos de arte, devendo, portanto, ser conservados, sem modificações que lhes alterem a estrutura ou a decoração.

Sobre essa proposta, deliberastes que nos pronunciássemos. A tal ponto nos absorveram, porém, tempo e atenção os trabalhos de natureza administrativa que constituem a parte fundamental da nossa missão, que impossível nos fôi occuparmo-nos de tão importante proposta, a qual se relaciona inteiramente com outra, ha pouco apresentada á Secção de Arqueologia Lisbonense pelo seu presidente, o Sr. José Queiroz. De ambas deve a nossa Associação occupar-se sem detença, tentando, com a maxima intensidade e energia, levá-las, á pratica, porque a defesa do nosso patrimonio artistico é, sem contestação, um dos artigos basilares do nosso programa.

Quatro socios perdemos desde o começo do ano de 1913 até esta data:— Julio Augusto Ferreira, que exerceu devotadamente o cargo de bibliotecario e que muitas e frisantissimas provas deu a esta colétividade de entranhada dedicação; Augusto Ribeiro, que, tendo-se, embora, especializado nos estudos coloniaes, era, todavia, um apreciavel erudito, que, como vogal do extincto Conselho dos Monumentos Nacionaes, teve ensejo de revelar o interesse que lhe mereciam os nossos edificios historicos; Ernesto da Silva, que, durante largo periodo, desempenhou com singular dedicação o cargo de tesoureiro e que, no fervoroso culto que, até aos ultimos momentos da sua vida, prestou á memoria de seu venerando pae, o illustre arqueologo Possidonio da Silva, envolvia a mais constante e solícita dedicação pela nossa colétividade; e, por fim,

o Visconde da Torre da Murta, que também exerceu por muito tempo e com invulgar solicitude o cargo de bibliotecario, sendo notaveis, pela pureza e elegancia da forma e pela erudição que revelavam, os seus relatorios anuaes.

Não atenua decerto, a saudade que nos causou a perda dêsses quatro companheiros de trabalho, mas dá-nos a consoladora certeza de que as nossas fileiras, bem longe de rarearem, se vão, pelo contrario, cerrando cada vez mais e fortalecendo de dia para dia com elementos de subido valor, o facto, que muito nos apraz consignar, de terem sido admitidos socios efectivos, desde o começo do ano de 1913 até á data deste relatorio, os Srs. Augusto Vieira da Silva, Augusto Botelho da Costa Veiga, Alberto de Sousa, Francisco Xavier de Ataide e Oliveira, Dr. Eduardo de Almeida Esteves Figueira, Dr. Luiz Xavier Barbosa da Costa, José Frederico Ferreira Martins, Luiz José Fernandes, Dr. Reynaldo dos Santos, Dr. Alberto Mac-Bride Fernandes, Dr. Manuel José dos Santos Farinha, Antonio José Arroyo, Dr. Tomás de Melo Breyner e Joaquim Rasteiro.

Não se extingue, decerto, nem afrouxa na sua acção, antes se revela cheia de força e prestigio e se afirma como órgão cuja função na vida portuguesa corresponde a uma real necessidade, uma corporação, que, em tão curto prazo, assim alcança tantas e tão valiosas adesões.

Em harmonia com o artigo 25.º dos nossos Estatutos, foi conferido o titulo de *benemerito* aos Srs. Antonio Maria da Silva, José Maria Cordeiro de Sousa e Antonio José Martins, a cujos serviços nos referimos já; e ao Sr. general Encarnação Ribeiro, que, por ocasião da sessão soléne de 26 de novembro e da exposição olisiponense, nos prestou, na sua qualidade de comandante da Guarda Nacional Republicana, devotado auxilio, chegando a ordenar que dois dos concertos semanaes da banda dessa corporação se realizassem, durante o periodo da exposição, numa das naves do arruinado e historico templo que temos como séde.

Como facilmente se compreende, o serviço de escrituração e expediente aumentou de modo consideravel com a sessão soléne e, sobretudo, com a exposição olisiponense e com a reorganização da biblioteca. Indispensavel nos foi, portanto, nomear um escriptorio, cujos serviços, como em anteriores relatorios fizemos sentir, difficilmente poderão ser dispensados, ainda mesmo depois de encerrado o periodo extraordinario em que entrámos

em novembro do ano findo e que deverá considerar-se prolongado até que terminem a remodelação e catalogação do Museu.

Aqui tendes, Senhores e Consócios, sumariamente descritos, os principaes factos da vida associativa durante o ano de 1913 e os primeiros meses de 1914, assim como os actos mais importantes da nossa gerencia. Corresponde sem duvida este periodo a uma das fases mais brilhantes da vida desta colétividade, a um dos ciclos em que maior evidencia, força e prestigio alcançou. De todos os elementos que para esse brilhante resultado contribuíram, o menos valioso foi, decerto, a nossa cooperação. Diz-nos, porém, a consciencia que a prestámos de boa vontade.

Lisboa, Carmo, em 30 de Junho de 1914.

A DIRECÇÃO:

*D. José Maria da Silva Pessanha
Eduardo Augusto da Rocha Dias
Afonso de Dornelas
Luiz de Albuquerque Betencourt
Francisco Soares O'Sulivand
Jesuino Artur Ganhado
Alberto de Gusmão Navarro.*

Relatório da gerencia da Direção em 1914

SENHORES E CONSÓCIOS:

Curto é o período a que este documento se refere, visto ser datado de 30 de Junho de 1914 o relatório precedente.

Continuámos diligenciando que no historico edificio que a nossa Associação ocupa, se realizem as obras tantas vezes reclamadas e que são as seguintes:

- 1.º Esgôto das aguas pluviais;
- 2.º Pavimentação das cinco capelas por meio de tijôlo;
- 3.º Complemento da escada da torre e sua comunicação com a ultima capela á esquerda, fazendo se por meio dessa escada o acesso aos terraços;
- 4.º Pintura das portas e taipais exteriores;
- 5.º Construcção de *marquises* de ferro e vidro para os tumulos de D. Fernando, infante D. Sancho e D. Constança, ou cobertura, por meio tambem de ferro e vidro, dos dois braços do transepto.

Esperamos que estas obras sejam em breve iniciadas, contri-
buindo para firmar esta esperança a decidida boa vontade que temos encontrado nos Srs. engenheiros Cordeiro de Sousa e Pinto Camêlo e arquitêto Leonel Gaia.

Está já executado o cunho para a medalha-distinctivo, não tendo nós ainda mandado proceder á cunhagem por falta de recursos.

Pelo mesmo motivo continúa suspensa a publicação do *Boletim*.

Ao nosso Museu foi oferecida uma valiosa série de peças arqueologicas do periodo neolitico, encontradas na Damaia, junto a Bemfica. Devemos esta oferta á gentileza do esclarecido proprietario dos terrenos, o Sr. Pereira Machado. A proposito, seja-nos

permitido formular o desejo de que as obras no edificio que occupamos se conclua em breve, porque, sem isso, impossivel será remodelar o nosso Museu e proceder á respectiva catalogação.

Distribuimos pelas bibliotecas publicas e por algumas associações scientificas os dois catalogos da exposição olisiponense.

Em o nosso precedente relatorio, aludimos a um desagradavel incidente ocorrido com a Tipografia do Comercio a proposito da edição especial dos dois catalogos em um só volume. Acha-se, felizmente, terminado esse incidente, havendo vós homologado a deliberação, que tomámos, de propôr á Tipografia a redução do custo a 75\$000 e o pagamento á medida que a edição fôr sendo colocada, sem fixação de prazo, e tendo a Tipografia acedido.

Sem encargos para a Associação, realizaram alguns socios, no passado outôno, tres excursões de estudo — duas a localidades do concelho de Loures e uma a Setubal, Palmela e Azeitão — das quais trouxeram interessantes apontamentos e fotografias. Assim se deu cumprimento a uma deliberação por vós tomada.

Temo-nos occupado da trasladação da ossada do notavel escritor Padre José Agostinho de Macedo, tendo-se resolvido, por falta de recursos para a transportar desde já para Beja, pedir á Camara Municipal de Lisboa a cedencia de um compartimento no ossuario do Cemiterio dos Prazeres, para ali ficar provisoriamente depositada.

Teve já deferimento o nosso pedido e em breve se efétuará a trasladação, devendo os ossos do vigoroso polemista ser estudados por uma comissão de socios medicos.

É com a maior satisfação que neste documento registamos os nomes dos socios inscritos durante o segundo semestre de 1914:

—Visconde de Meireles—Visconde de Santarem —Conde de Castro e Sola—Dr. Alberto Osorio de Castro.

Um consocio perdemos: Pedro Wenceslau de Brito Aranha, escritor, jornalista e bibliografo, a quem tantas provas de deferencia esta Associação mereceu.

Entendemos dever registar tambem neste relatório o falecimento do nosso antigo e zeloso empregado, Bernardo de Figueiredo.

Eis, em breves e despretenciosas palavras, o resumo dos principais actos da nossa gerencia, na qual (podemos conscienciosamente afirmá-lo) empregámos toda a nossa boa vontade. E aten-

dendo a esta circumstancia que esperamos ser relevados das faltas em que porventura tenhamos incorrido.

Lisboa, 15 de Janeiro de 1915.

A DIRECÇÃO:

D. José Pessanha.
Eduardo Augusto da Rocha Dias
Luis Filipe de Albuquerque Betencourt
Afonso de Dornelas
Francisco Soares O'Sulivand
Jesuino Artur Ganhado
Alberto de Gusmão Navarro.

Movimento de Tesouraria em 1913

Saldo em 31 de Dezembro de 1912...	127\$14,1	
Receita geral do ano de 1913.....	569\$90	697\$04,1
Despesa geral do ano de 1913.....		618\$93
Saldo que transita para 1914.. Esc.		<u>78\$11,1</u>

O TESOUREIRO INTERINO,

Luis de Albuquerque Betencourt.

A comissão revisora de contas, declarando verdadeiras e exactas todas as quantias, propõe: Que sejam aprovadas pela Assembleia Geral as contas referentes ao ano de 1913.

Lisboa, Edificio Historico do Carmo, em 3 de Julho de 1914.

Luis Xavier Barbosa da Costa
Francisco Nogueira de Brito
José Joaquim da Ascensão Valdez.

Movimento de Tesouraria em 1914

Saldo em 31 de Dezembro de 1913...	78\$11	
Receita geral do ano de 1914.....	1:652\$22	1:730\$33
Despesa geral do ano de 1914.....		1:613\$30
Saldo que transita para 1915.. Esc.		<u>117\$03</u>

O TESOUREIRO,

Luis de Albuquerque Betencourt.

A comissão revisora de contas, declarando verdadeiras e exactas todas as quantias e perfeita a escrituração, propõe: Que sejam aprovadas pela Assembleia Geral as contas relativas ao ano de 1914.

Lisboa, Edificio Historico do Carmo, em 23 de Fevereiro de 1915.

*José Ferreira Braga**Luis Xavier Barbosa da Costa**José Joaquim da Ascensão Valdez.*

1915

Tipografia CASA PORTUGUEZA

139, R. do Mundo, 141—Lisboa

TELEF. 220